

OFFICINA DE ENCADENADOR  
Verissimo d'Almeida  
RUA DE S. LAZARO, 23 E 25



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



1855

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUZITANA

*Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires*  
Prop.—Lib. 4—Eleg. 10

*Decima terceira série — Anno de 1907 — Tomo III*



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA

—  
TYP. A VAPOR DA PAP. ESTEVÃO NUNES & F.º

58 — Rua Aurea — 60

1907

SÉDE  
DA  
SOCIEDADE PHARMACEUTICA  
LUSITANA

Rua Sociedade Pharmaceutica, no Bairro Camões

EDIFÍCIO DA SOCIEDADE

LISBOA

DIRECCÃO

PRESIDENTE — *João Mendes Carreiro*, Rua Paiva d'Andrade, Algés.

PRIMEIRO SECRETARIO — *Ernesto da Rocha e Castro*, Instituto de D. Amelia.

SEGUNDO SECRETARIO — *Armando de Campos Palermo*, Rua de Campo d'Ourique, 69, 1.º.

THESOUREIRO — *Antonino Alves Barata*, Rua Aurea, 128.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

Commissão de Redacção

*Francisco de Carvalho* — DIRECTOR

*João Mendes Carreiro* — SUB-DIRECTOR

*Fernando Mendes Pereira* — VOGAL

*Gaspar Maria do Nascimento* — SUPLENTE

## PEÇAS OFFICIAES

Acta da Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, realisada em 11 de dezembro de 1906

Presidencia do sr. Francisco de Carvalho

A's 9 horas da noite, estando bastante numero de socios honorarios e effectivos, e alguns convidados, na sala, os srs. presidente e secretarios occuparam os seus logares.

O sr. Presidente declarou que estava aberta a Sessão Solemne Anniversaria, e que nesta sessão se inaugurariam os retratos de dois antigos presidentes fallecidos, que haviam prestado relevantissimos serviços á Sociedade e á sciencia, e que por isso mereciam a nossa homenagem, como mostrariam os trabalhos dos srs. Cisneiros de Faria e professor Carvalho da Fonseca, encarregados, respectivamente, dos elogios historicos do dr. Joaquim José Alves e José Bento Coelho de Jesus, de quem eram os retratos.

Que primeiro, porém, convidava o 2.º secretario a informar a Sociedade do seguinte:

**Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 21.º anno da sua instituição**

Foram admittidos

Para classe de Effectivos

Adelino de Moura Santos, Lisboa.

Antonio Ribeiro d'Albuquerque, Lisboa.

Ernesto dos Santos, Lisboa.

João Francisco d'Oliveira Junior, Lisboa.

João Gregorio Ferreira, Lisboa.  
 José Benito Rodrigues, Lisboa.  
 José Maria Pereira Ferraz, Cintra.  
 Leopoldo Todi Gonçalves, Lisboa.  
 Luiz José Botelho Seabra Lopes, Lisboa.  
 Dr. Manoel Fernandes Cruz, Lisboa.  
 Sebastião Vito Abreu da Silva, Lisboa.

**Para a classe de Correspondentes Nacionaes**

Arthur Zuzarte Pitta, Sines.  
 Belarmino dos Santos Barata, Fundão.  
 Humberto da Cunha Corrêa, Horta, Fayal.  
 João Fernandes da Cruz, Tavira.  
 Joaquim Fernandes Paulitos, Reguengos.  
 Manoel Nunes, Coimbra.  
 Mario de Mesquita Lopes, Cezimbra.

**Pediram a demissão**

**Correspondentes nacionaes**

José Alberto Marques Silva, Lagôa, Algarve.  
 José Maria de Miranda, Torres Vedras.

**Falleceram**

**Presidente Honorario**

Dr. Joaquim José Alves, Lisboa.

**Benemerito**

Conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho, Lisboa.

**Honorarios**

Joaquim dos Santos Silva, Coimbra.  
 José Bento Coelho de Jesus, Lisboa.  
 Miguel José de Souza Ferreira, Porto.

**Effectivo**

Antonio Pedro Cardoso Alves d'Azevedo, Lisboa.



**Correspondentes Nacionaes**

- Antonio Francisco Nogueira, Almada.
- Antonio José Martins Pereira, Tournal do Pecegueiro.
- Antonio Manoel Augusto Mendes, Belem.
- Candido Augusto Ribeiro Gonçalves, Villa Nova de Gaya.
- Francisco Xavier de Paiva, Braga.
- Joaquim Gonçalves d'Aguiar, Pombal.
- José Fernandes Marques Junior, Almeida.

**Resumo**

Ficaram existindo

Protector.....	1
Benemeritos .....	7
Honorarios nacionaes.....	24
Honorarios estrangeiros.....	22
Effectivos.....	143
Correspondentes nacionaes.....	194
Correspondentes estrangeiros.....	26
Total....	<u>417</u>

Saldo da conta do anno anterior..... 847500

Receita cobrada durante o anno..... 1:174920

1:259420

Despeza ordinaria e extraordinaria..... 795465

Amortisação de obrigações.. 250000

Coupons pagos..... 208000

1:253065

Saldo em 30 de Junho de 1906 67355

Em seguida o sr. Presidente concedeu a palavra ao 1.º secretario, sr. João Mendes Carreiro, que deu conta do seguinte:

Centro de Documentação Farmacêutica  
Ordem dos Farmacêuticos

**Premio José Dionysio Corrêa**, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade.

Programma de concurso

A *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* em observancia do § 8.º do art.º 27.º dos seus estatutos tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno.

**Memoria sobre qualquer questão de pharmacia ou sobre assumpto de interesse profissional.**

**Condições**

Os premios consistirão na adjudicação de diploma de «*Membro Benemerito*» acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis, ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de «*Membro Honorario*» aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias, que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão

solemne anniversaria, deverão ser para este fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo: *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade neste programma.

**Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o septuagesimo primeiro anno.**

Antonio Feliciano da Conceição Ribeiro Junior, de Carnide.

Elysio Fernandes das Dôres Tavares, de Macau.

J. B. Baillièrre et Fils, de Paris.

Poulenc Frères, de Paris.

Atheneu Commercial de Lisboa.

Direcção Geral de Instrucção Publica.

Smithsonian Institution de Washington.

Redacções dos seguintes jornaes:

*Annaes do Club Militar Naval*, de Lisboa.

*A Medicina Contemporanea*, de Lisboa.

*Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, de Lisboa.

*Boletim da Sociedade de Geographia*, de Lisboa.

*Gazeta de Pharmacia*, de Lisboa.

*Boletim official do 15.º Congresso de Medicina*, de Lisboa.

*Boletim da Associação Commercial dos Lojistas*, de Lisboa.

*Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa*, de Lisboa.

*Boletim da Real Sociedade Nacional de Horticul-  
tura de Portugal*.

*Boletim da Liga Naval Portuguesa*, de Lisboa.

*Boletim do Hospital de S. José e annexos*, de Lisboa.

*Revista de Chimica pura e applicada*, do Porto.

*A Medicina Moderna*, do Porto.

*Archivo Pharmaceutico*, do Porto.

*A Dosimetria*, do Porto.

*O Instituto de Coimbra*.

*Revista de Medicina Veterinaria*, de Lisboa.

*O Vintem das Escolas*, de Lisboa.

*Heraldo da Madeira*, Funchal.

*Revista agronomica*, de Lisboa.

*Boletim da Sociedade Broteriana*, de Coimbra.

*Boletim Pharmaceutico*, do Porto.

*Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do  
Porto*.

*Seguros e Finanças*, de Lisboa.

*El Restaurador Farmacéutico*, de Barcelona.

*Gaceta Sanitaria*, de Barcelona.

*Revista Científica Profissional*, de Barcelona.

*El Mundo Farmacéutico*, de Barcelona.

*El Monitor de la Farmácia*, de Madrid.

*Revista Medico-hydrológica Española*, de Madrid.

*La Farmácia*, de México.

*Boletin del Instituto Patológico*, do Mexico.

*Boletin del Consejo Superior de Salubridad*, de San  
Salvador.

*Anales del Instituto Médico Nacional do México*.

*Le Mois Médico-Chirurgical*, de Paris.

*Le Mouvenent Hygiénique*, de Paris.

*La Vulgarisation Scientifique*, de Paris.

*Le Mois Scientifique*, de Paris.

*Bulletin des travaux de la Société de Pharmacie*, de Bordeaux.

Depois convidou o sr. José Pedro Estanislau da Silva, Vice-Presidente da Sociedade, a desvendar os retratos, e a seguir deu a palavra ao secretario Cisneiros de Faria, para proferir o seguinte

Sr. Presidente — Meus Senhores

A Sociedade Pharmaceutica Luzitana paga hoje, em homenagem singela, despretenciosa, mas sincera, e certa de que cumpre um grato dever, uma divida contrahida para com um dos seus membros mais prestimosos, um dos seus filhos dilectos, que durante uma longa vida de trabalho incessante, demonstrou com exuberancia o seu amôr pela sciencia, a sua dedicação pela classe a que pertencia.

Em todos os tempos, por mais rudimentar que tenha sido o estado moral das sociedades, a honestidade de character, o amôr pelo trabalho, a comprehensão dos deveres civicos, elevaram sempre acima dos outros homens, aquelles que possuíam tão elevados dotes, fazendo-os credôres da nossa admiração e do nosso respeito.

Todos os dias vemos desaparecer da nossa convivencia, personagens distinctos, caracteres impolutos, espiritos brilhantes, uns esperanças prometedoras, outros nomes consagrados nas legiões do trabalho, todos cooperando para a realisação do mesmo ideal, procurando ser uteis á Sociedade.

De todas estas vidas que se extinguem numa comunidade de destinos, alguma cousa fica na memoria dos que subsistem, apreciando-lhes a sua obra, exaltando-lhes as suas qualidades, apontando-as aos vindouros como padrão de esforço, modelo de virtudes, exem-

plo a seguir na senda tortuosa e quasi sempre ingloria da vida.

O dr. Joaquim José Alves, á memoria de quem hoje, rendemos preito da nossa homenagem, relembrando a sua vida cheia de dedicação pela sua e nossa classe, distinguuiu-se como pharmaceutico eximio, chimico distinctissimo, professôr abalisado, parlamentar correcto, cidadão prestimoso, produzindo estas qualidades um typo inconfundivel, destacando-o com uma feição perfeitamente singular.

Dotado de fortes energias para o trabalho e para as luctas da vida, caminhou sempre guiado por um elevado ideal, «ser util ao seu paiz».

Soube alliar os seus interesses pessoaes aos deveres que a Sociedade nos impõe, e com uma tenacidade de ferro, vencendo as resistencias que procuravam tolher-lhe os movimentos, abrindo caminho muitas vezes atravez de malquerenças e obstaculos com que diligenciavam inutilisar os seus esforços, d'elles saiu sempre glorioso e cada vez mais cheio de auctoridade, conquistando pelo seu esforço a posição primacial que conseguiu occupar.

Nasceu em Villa Nova da Barquinha aos 23 de março de 1830, nesse periodo tão agitado da nossa vida historica, e d'ali partiu para Lisboa aos 15 annos de idade trazendo como unica bagagem algumas luzes de Portuguez e de Latim, ministradas por sacerdote amigo, e um decidido desejo de illustrar-se.

Quiz e acaso que fizesse jornada com o ministro de estado Bernardo Gorjão Henriques da Cunha, que conhecedôr dos desejos que tinha de continuar os seus estudos e os poucos recursos de que dispunha, lhe proporcionou ensejo de se instruir, mandando-o admitir como praticante na pharmacia do Hospital da Marinha.

Assegurados esses parcos meios de viver, mostrou-se digno da protecção dispensada, e em poucos annos,

tendo frequentado o lyceu, as Escolas Polytechnica e de Pharmacia de Lisboa, completou com distincção o seu curso regular de pharmaceutico aos 22 annos de idade, não se tendo utilisado do perdão d'acto nesse anno concedido.

Ainda ha bem pouco lembrava com palavras de saudosa gratidão, a memoria do seu protectôr, que lhe foi sempre sagrada.

Concluido o seu curso,urgia escolher um caminho, salientar-se, mostrar a sua superioridade, sem preterir ninguem, defrontando-se com todos, ganhar terreno com os recursos proprios, e conseguiu-o com brilhantismo.

O seu grande amôr pelo estudo, os seus largos conhecimentos facilmente lhe indicaram o caminho a seguir, e com a maior facilidade, passando de discipulo aplicado a professôr escrupuloso, começou transmitindo aos outros, quanto sabia, quanto estudava, com tal criterio, com tão bom methodo, mostrando taes dotes professoraes que em 1857, por doença do professôr da cadeira de Pharmacia, José Tedeschi, o Conselho da Escola Medica de Lisboa escolheu-o para substituir Tedeschi durante o seu impedimento, e com tão grande proficiencia se desempenhou d'esse cargo, que o Conselho lançou em suas actas palavras altamente elogiosas para a sua dignidade profissional.

Em cada um dos seus discipulos, que os teve ás centenas, e que hoje, espalhados por todo o paiz, representam, sem erro, um terço dos pharmaceuticos existentes, tem o dr. Joaquim José Alves um amigo dedicado, uma nova vida, uma reproducção das suas qualidades tão apreciaveis, tão sans que sempre se esforçou por transmittir-lhes.

Não julgo preciso testemunhar factos do conhecimento de todos, e já sobejamente consagrados; mas para dar ás minhas palavras uma auctoridade de que

tanto carecem, citarei a honrosa opinião que a respeito do dr. Joaquim José Alves formava o meu illustre professor dr. Eduardo Augusto Motta, distinctissimo lente da Escola Medico Cirurgica de Lisboa, conceito que em carta me foi amavelmente communicado.

Diz o douto cathedratico :

«Abonando a sua proficiencia scientifica ha a registrar o facto de ter sido, como é notorio, o mais afamado explicador de Pharmacia do seu tempo.

«Fui durante 27 annos examinadôr de Pharmacia, 4 como simples vogal e 23 como presidente do respectivo jury, e tive durante este longo periodo ensejo de observar que ninguem, melhor que o dr. Alves, habilitava para os exames os aspirantes pharmaceuticos que não tendo frequentado o curso da Escola, podiam todavia ser admitidos a exame apresentando entre outros documentos, a attestação de boa pratica passada pelo respectivo pharmaceutico e convenientemente registrada nas Escolas Medicas do continente do Reino.»

Estas phrases, pela auctoridade de quem as profere e pelo cunho de sincera convicção com que são enunciadas constituem a apreciação mais justa e valiosa dos seus merecimentos como professor.

Foi realmente como analysta e como professor que mais se acentuou a sua individualidade, dedicando-se com especial esmero e notavel proficiencia á analyse chimica e toxicologica, exercendo cargos officiaes durante largos annos.

Assim, em 1861, por occasião do fallecimento de El-Rei D. Pedro V e de seus irmãos os infantes D. Fernando e D. João, apesar de ter sido bem comprovada pela autopsia a doença que victimou aquelles principes, circularam boatos de tal gravidade sobre a origens d'essas mortes, que o Governo, entregou, para tranquillizar a opinião publica, a um inquerito judicial a investigação da causa dos fallecimentos.



Nesse inquerito figurou a analyse chimica das visceras, e d'ella foram encarregados os pharmaceuticos Manoel Vicente de Jesus e Joaquim José Alves, indicados como os mais competentes pelos illustres chimicos que faziam parte da Commissão do inquerito, os professores Betamio d'Almeida, Visconde de Villa Maior e José Alexandre.

Pela distincção d'esta escolha se pode avaliar o bom conceito em que já então era tido como chimico analysta.

Como professôr, «foi o mais afamado do seu tempo» di-lo aquelle que com maior auctoridade o podia fazer.

Com effeito, durante 50 annos de leccionação ininterrupta, quantas gerações de pharmaceuticos o dr. Alves habilitou, preparando-os com solidos conhecimentos, atravez das profundas evoluções porque a sciencia chimica tem passado neste periodo, sempre conhecedôr da ultima palavra da sciencia, com uma intilligencia clara, um espirito joven mesmo na avancada idade.

Em 1889, contando 59 annos de idade, concluiu com o maior brilhantismo o curso de medicina, cirurgia e partos, na Universidade de Bruxellas, tendo apresentado como these um notavel estudo sobre os acidos organicos, trabalho que foi traduzido em differentes linguas e que lhe mereceu rasgados elogios de varios sabios, tanto do paiz como do estrangeiro.

Por este producto da sua muita applicação, se pode avaliar a profundeza dos seus conhecimentos e a tenacidade com que procurava illustrar-se.

Salientou-se ainda o dr. Joaquim José Alves na vida publica, occupando na politica papel predominante.

Foi durante varias legislaturas, um dos representantes da capital na Camara dos Deputados, militando ao lado de Fontes Pereira de Mello, e pelos seus discursos, que

se encontram publicados, se vê quanto lhe eram caros os interesses do seu paiz.

Na Camara Municipal de Lisboa, onde por varias vezes desempenhou o cargo de vereadôr, deixou o seu nome ligado a melhoramentos de importancia; e só abandonou a vida politica, quando completamente desiludido, julgou improfiqnos os seus esforços a bem da causa publica.

No tracto intimo era afavel, leal e correcto, conquistando facilmente amigos dedicados, embora a sua apparencia fosse um tanto severa, mas indiscutivelmente possuidôr de um coração em que se esmaltavam as mais sympathicas qualidades e as mais preclaras virtudes, tantas e tantas vezes demonstradas, muito especialmente no seio da familia, onde deixou um vacuo profundo.

Estes predicados, tivemos occasião de os apreciar quando, ha precisamente um anno, em sua caza, lhe entregamos o diploma de presidente honorario d'esta Sociedade.

Não quiz o destino, que por muito tempo exercesse estas honrosas attribuições, fazendo-o em breve desaparecer da nossa convivencia, onde as suas notabilissimas qualidades, encontrarão sempre um echo, lembrando quanto o dr. Joaquim José Alves, era dedicado a Sociedade Pharmaceutica Luzitana, que nelle perdeu um dos seus mais valiosos elementos.

Consultando os annaes da nossa Sociedade, desde 1852, encontrámos o seu nome ligado a todos os acontecimentos que de algum modo interessassem a nossa classe.

Vêmo-lo presidir ás nossas sessões, tomando parte em discussões acaloradas ao lado de Souza Telles, José Tedeschi, e tantos outros; caminhando para os gabinetes dos ministros pedindo melhoramentos e reformas para a nossa classe; vêmo-lo na nossa commissão de chimica, que por largos annos presidiu, e que tão no-

taveis trabalhos levou a effeito, sempre com o maior desinteresse, vizando sómente o bom nome da Sociedade Pharmaceutica ; vêmo-lo emfim, esforçando-se por erigir um edificio proprio, onde a Sociedade se installasse, esforço este que viu coroado do melhor exito e de que tão justamente se orgulhava.

E' para lamentar que vóz mais auctorisada do que a minha não ponha em relevo, em tão solemne occasião, essa vida tão preciosa, que passou deixando apoz si tão luminoso rasto; mas fallar de um homem de tão alto prestimo, é-me tão grato, faz-me como que participar de qualidades tão suas e que não possuo ; é viver um pouco da sua vida, que attrae, fascina, a ponto de não resistir á tentação de aceitar um encargo para o qual sabia de antemão não possuir os dotes precisos ; a sua vida, porém, é tão cheia de factos eminentes, de situações tão brilhantes, que a tarefa se tornou facil, e como veem, uma simples ennumeração de factos, falta do menor colorido, despida de todo o artificio, bastou para pôr em fóco uma personalidade distincta, para ajuizar de uma vida cheia de abenegação, tornando-nos orgulhosos por possuimos entre os nossos irmãos de trabalho um exemplo de quanto pode o esforço humano em face das qualidades excepcionaes com que a natureza dota os seus escolhidos.

Ficam pois ligeiramente esboçados os topicos d'essa vida notavel, que tanto se esforçou e com tão grande exito por nos deixar um nome que nos servisse de estímulo para o trabalho, de bussola nas escabrosidades das luctas a emprenhender.

A Sociedade Pharmaceutica Luzitana, sempre prompta a acolher todos aquelles, que proveitosamente trabalhem em prol da classe pharmaceutica, bem prodiga se mostrou para com este seu illustre membro, concedendo-lhe successivamente os diplomas de socio effectivo em 1852, membro honorario em 1860 ; socio

benemerito em 1862; e finalmente elegeu-o seu presidente honorario em 13 de dezembro de 1905, distincção suprema que lhe é dado conceder; e inaugurando neste momento o seu retrato nas salla das suas sessões, ao lado de tantas outras glorias da pharmacia portugueza, mostra que hoje, como sempre, não esquece os seus mortos queridos.

Lisboa 11 de dezembro de 1906.

JOSÉ ALEMÃO DE MENDONÇA CINEIROS E FARIA.

Seguiu-se o sr. professor Antonio Carvalho da Fonseca que disse o seguinte:

Senhores :

Quiz esta benemerita Sociedade depositar na minha humilde pessoa o encargo de fazer, n'esta sessão solemne anniversaria, o elogio historico do nosso fallecido collega Coelho de Jesus, que, com a mais elevada proficiencia e desvelado amor profissional, soube conquistar a estima e consideração da grande familia pharmaceutica.

Quando em 1898, eu recebia o convite para realizar, em igual dia, dentro d'esta Sociedade, uma conferencia sobre *o que tem sido a pharmacia e as relações intimas que a ligam ás sciencias naturaes*, accedi, como agora, a tão honrosa distincção; mas forçoso é confessar, que, neste momento, me sinto verdadeiramente embaraçado, tal é a commoção que se apodera de mim ao lembrar-me das qualidades excepçoes que ornavam o extinto pela rectidão do seu character, pela bondade do seu trato, pelo interesse e boa vontade com que servia a todos aquelles que se lhe approximavam.

Desde 1836, meus senhores, que aqui se tem realisado com a maior regularidade as sessões solemnes anniversarias,

Se compulsarmos a historia d'esta benemerita Sociedade, encontramos gravados em letras de ouro discursos notaveis, não só pelo rendilhado da forma, mas ainda pela profusão dos conceitos com o fim de evidenciar a importancia d'esta Sociedade scientifica, pela sua utilidade ás sciencias naturaes e arte pharmaceutica bem como pelos serviços que ella presta á Humanidade.

Em outras sessões solemnes vultos eminentes teem proferido discursos sentidissimos em homenagem ás virtudes de fallecidos illustres.

Ao lembrar-me d'essas peças litterarias, que tanto fizeram brilhar os seus auctores, redobra o enleio por me sentir desprovido de engenho, motivo porque vos venho pedir a vossa benevolencia para a falta de correcção e elegancia no estylo

Senhores: Ao alvorecer do regimen de Liberdade, sob os auspicios da convenção de Evora Monte, instituiu-se esta benemerita Sociedade, para revindicar os seus direitos até alli abafados sob um jugo auctoritario, despota e vexatorio. Quebrados os laços, quasi por completo, á physicultura, a classe pharmaceutica, pela sua Sociedade, entrou em uma nova phase de aperfeiçoamento.

Grande é o numero de pharmaceuticos, que por aqui teem passado, e numerosos são os que, pelo desempenho de varios logares, qual d'elles o de maior responsabilidade, tem sabido impôr-se á consideração de todos nós pela sua dedicação á honrosa profissão que exercem.

Entre essa pleiade de homens illustres destaca-se naturalmente Coelho de Jesus, pelos cargos que nesta Sociedade occupou e pelos meritos que ella soube re-

conhecer-lhe, investindo-o em todas as commissões até ao espinhoso encargo da presidencia.

Ao lançarem-se os fundamentos d'esta benemerita Sociedade, José Vicente Leitão, na primeira sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1836, interpretando o sentir de todos aquelles que fundaram a sociedade, para a elevar, pediu com instancia que se reformasse o ensino pharmaceutico, ou talvez melhor se organisasse a instrucção pharmaceutica.

Depois as differentes camadas que teem passado pela Sociedade, tiveram sempre o anhélo de que ella possuisse casa propria e quiz a sorte, justa d'esta vez, que fosse sob a presidencia de Coelho de Jesus, que se realisassem estas duas aspirações tão legitimas, tão ale vantadas: a construcção da casa e a reforma do ensino.

E era ver a paternal satisfação com que Coelho de Jesus assistia aos progressos materiaes da construcção da casa, que é nossa, que é de todos os que fazemos parte d'esta benemerita Sociedade, satisfação que não era inferior á que elle sentiria se se tratasse d'uma propriedade sua, exclusivamente sua.

A casa inaugurou-se e viu Coelho de Jesus realisados um dos seus maiores desejos.

E na reforma do ensino? Eu que, como secretario ao seu lado, sempre o acompanhei durante essa quadra, longa mas gloriosa, que precedeu a decretação do ensino actual, posso testemunhar, n'este momento solemne, como sempre tenho affirmado, que a attitude de Coelho de Jesus foi inexcedivel em dedicacção, amor e até sacrificio, concernentes a obter-se para a classe pharmaceutica o Decreto do seu ensino, padrão glorioso na nossa historia e tanto mais glorioso quanto antiga era a ambição de o possuir.

E quando chegou o dia em que foi satisfeita a nossa legitima aspiração, era vêr a alegria juvenil de Coelho de Jesus, alegria franca, sincera e leal por se conse-

guir aquillo por que elle tanto trabalhou, e que muitissimas vezes corria tão mal, que o inicio do desespero em todos nós se patenteava e portanto em Coelho de Jesus, que assim como sentia as nossas alegrias e rejubilava, tambem sentia as nossas tristezas e compungia-se.

E' longa a lista da interferencia de Coelho de Jesus nas coisas da vida pharmaceutica.

Além dos muitos cargos que exerceu, como o de membro da commissão de revisão da pharmacopéa e da commissão do regimento, em regra inherentes ao logar de presidente da Sociedade, de que sempre tão levantadamente se desempenhou, foi com applauso geral Vice-presidente da Commissão de Chimica da Sociedade de Geographia, e em 1898 representou a classe pharmaceutica no Congresso de Medicina, sendo um dos presidentes honorarios, distincção que recebeu da commissão organisadora.

A este congresso apresentou um trabalho sobre a *maneira de evitar a repetição do aviamento das formulas toxicas e remediar a venda de medicamentos em estabelecimentos estranhos á pharmacia*, que foi consagrado pela opinião e provou mais uma vez que Coelho de Jesus era tão erudito ao occupar-se das coisas da sua profissão, sob o ponto de vista superior, como habil artista ao executar a pratica da sua industria e que a elle bem se póde applicar o conceito, encerrado nos dois versos do grande epico:

«Com o braço ás armas feito

«E a mente ás musas dada.»

Tambem Coelho de Jesus fez parte dos corpos gerentes do Monte-Pio Geral, e tal foi a sua conducta, que ainda hoje alli é lembrado com saudade.

Senhores: Começa a Historia a fazer a justiça devida a quem a merece.

A's vezes succede e não é raro, que durante a existencia d'um homem a multidão inconsciente, muitas vezes deixando-se impulsionar por quem não devê, faz sentir-lhe momentos de angustia indevidos; mas quando a tampa do caixão cae sobre o seu cadaver frio, a Historia insuspeita, passa uma esponja sobre injustiças praticadas e ergue á sua devida altura o homem que serenamente aprecia.

Coelho de Jesus que occupou dignamente a presidencia d'esta sociedade; que foi brioso e desvelado amigo da classe que tanto nobilitou; que trabalhou indefectivelmente pelas prosperidades e melhoramentos da familia pharmaceutica, é digno de ser considerado como um dos nossos benemeritos e bem procedeu a Sociedade em inaugurar-lhe o seu retrato, para que, quando a sua memoria desapparecer dos nossos corações, por terem deixado de se contrahir, ella ressaltando da tela que lhe reproduz a imagem, continue perduravelmente a viver nas paginas dos nossos fastos, nas folhas dos nossos annaes.

*Disse.*

A. CARVALHO DA FONSECA.

Finalmente o sr. Presidente leu o que segue

da Ordem dos Farmacêuticos

Meus Senhores

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que hoje celebra a data da sua fundação, continúa, apesar de antiga, pois conta 70 annos de existencia, a dar provas de grande vitalidade, isto é que tem poderosos elementos de vida. A sua força vem-lhe da maneira dedicada e correcta, porque procura ser util aos seus membros,



que a todos attende: a uns esclarecendo-os sobre pontos de sciencia, em que precisam ser illucidados, e a outros sobre varios assumptos de exercicio profissional.

Este modo de proceder tem-lhe conquistado a estima e consideração da classe pharmaceutica, e tambem das instancias superiores; e é com satisfação que affirmo, que durante o tempo da minha presidencia, devido ao auxilio valiosissimo dos meus collegas da Direcção, e de todos os consocios, esse prestigio manteve-se, sendo sempre uma das nossas preocupações: conservar o bom nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Honrosas são as suas tradições, que é indispensavel não esquecer, porque nos dão o direito de pugnar, respeitosa e sim, mas com a devida altivez, pelo credito e desenvolvimento da pharmacia portugueza.

E, como ha uma questão de alta importancia, de que depende esse desenvolvimento, que na actualidade preocupa a classe, pelo muito que lhe interessa e tambem á saude publica, bem desejava poder dizer-vos que está resolvida.

Mas, visto ser uma causa realmente importante, devemos confiar, estar mesmo certos, de que, num futuro mais ou menos proximo, será satisfatoriamente resolvida.

Sabem os meus collegas que me refiro á reforma do exercicio de pharmacia, que tanto necessita de nova regulamentação.

Devo dizer-vos que a commissão mixta, encarregada d'essa reforma, da qual fiz parte, trabalhou com verdadeira dedicação e independencia, elaborando um projecto, onde não se attendia aos interesses d'este ou d'aquelle, mas unicamente ao bem geral.

Embora esta seja a verdade, nunca os commissiona-

dos se illudiram, e esperaram sempre, que o seu parecer fosse impugnado.

Que lhes importava, porém, isto, se elles só desejavam fazer alguma coisa de util, que ficasse, preocupando-se apenas com o bem da communitade?

Dominados todos por esta nobre ideia, facil foi, a elementos que se julgavam heterogenos, comprehenderem-se logo no iniciamento dos trabalhos, e convencerem-se de que chegariam a bom termo, satisfazendo assim os desejos da maioria dos nossos collegas, e as exigencias publicas.

Com effeito, as felicitações que a commissão recebeu de diferentes pontos do paiz, e que se tornaram conhecidas, em sessões publicas da classe, são, por assim dizer, a confirmação do que fica exposto.

Como sabeis, meus senhores, essa commissão era composta de membros das collectividades pharmaceuticas nacionaes, nomeados segundo uma proposta do nosso illustre consocio sr. Adriano Mourato, e em attenção a um officio da Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes.

O seu trabalho foi profusamente distribuido; e se algum pharmaceutico deixou de receber o projecto, foi por extravio ou devido a ignorar-se a sua existencia.

Discutiui-se aqui, nesta casa, em sessões publicas, segundo as resoluções da Sociedade.

Forçoso é, porém, dizer ou afirmar, que essa discussão corria esterilmente; apesar de bastante numero de sessões que houve, pouco se adiantou.

Os incidentes succediam-se uns a outros, e a discussão do projecto, ainda não teria terminado, isto sem exagêro, se a commissão, vendo-se injustamente aggravada, lhe não pozesse termo, indo em seguida communicar ás collectividades que a elegeram a resolução tomada.

D'aqui a causa porque esse projecto passou para a

Sociedade Pharmaceutica Luzitana, que, em virtude de uma proposta do esclarecido socio sr. Ismael Pimentel, convidou as suas congengeres a nomear delegados, que viessem discuti-lo.

Essa discussão realisou-se em sessão de 18 de abril, sendo o projecto approved com modificações, respeitando-se, é claro, a parte que havia sido approved nas sessões de classe.

D'esta forma ficou a Sociedade habilitada a poder desobrigar-se do compromisso que havia tomado para com o sr. Inspector Geral dos Serviços Sanitarios do Reino, que tinha em officio pedido alvitres sobre a melhor maneira de reformar o exercicio da pharmacia, a quem se respondeu, que seria enviado um projecto. Cumpriu-se isto, pois, a Mesa enviou a s. ex.<sup>a</sup>, em tempo opportuno, o citado projecto.

O assumpto que estou tratando, já de si melindrosissimo, não melhorou, permitta-se-me a expressão, com a nova phase que soffreu.

Assim o sr. conselheiro Eduardo Jose Coelho, pouco antes de abandonar o poder, nomeou uma commissão encarregada de elaborar um projecto de reforma de exercicio, sendo eu, nessa commissão, o vosso representante.

Causou certa admiração o facto citado, ao qual a Sociedade foi completamente extranha.

Na verdade, não aconselhamos, em tal conjuntura, o passo que se deu, porque podera contribuir, para demorar a melhora de que tanto se carece; e publicamente, em sessão da Sociedade, emittimos a nossa opinião, apenas o caso nos constou.

Não se póde negar que a commissão, excluindo o vosso representante, não seja composta de profissionaes habeis e intelligentes; mas tambem a commissão mixta era constituida por pharmaceuticos não menos intelligentes, não menos habeis, não menos zelosos e não

menos conhecedores das necessidades e dos desejos da classe, e o seu trabalho não... agradou a todos, procurando os dissidentes inutilisa-lo.

Ora, como não será facil fazer coisa melhor, que mais vantagens apresente, é claro (abstrahindo outras considerações que poderia fazer), que o projecto da commissão official será sujeito a grandes criticas, e dará causa a reclamações, que retardarão a solução do problema.

Não se pôde esperar outra coisa, nem será facil harmonisar os combatentes de ambos os lados; e nós mesmo que trabalhámos nos dois campos, se tivéssemos com o nosso voto, de decidir o pleito, resolviamos-lo, sem hesitar, em favor da commissão mixta.

São para ella todas as nossas sympathias, porque os seus membros foram, sem querer, obrigados a penoso trabalho, que se lhes pediu em beneficio da classe, sendo o que mais contribuiu para este sacrificio, quem violentamente procurou todos os meios de que pode dispôr para annullar o citado projecto.

Depois, o projecto da commissão official está prompto, e não agrada mais de certo do que aquelle que resolve sem tibiezas, cathegoricamente, questões que muito interessam á vida pharmaceutica.

Assim as consultas nas pharmacias e a limitação d'estas, etc., etc., tinham, nesse projecto, satisfatoria solução o que não acontece no official.

Diz-se, para combater esses principios, que não devem tolher-se as liberdades individuaes, quando essa liberdade tem limites e não pôde admittir-se nem permittir-se, com prejuizo de outrem.

Aqui, é até prejudicial á maioria dos profissionaes, que se utilisam da faculdade, que a lei lhes concede: poderem estabelecer-se aonde quizerem.

Com effeito não é desconhecido da classe, que o paiz não comporta mais pharmacias; e que os que se

teem esquecido d'isto e estabelecido nos ultimos tempos, vivem, salvo rarissimas excepções, cheios de difficuldades, o que teriam evitado se soubessem esperar pela occasião de poder adquirir qualquer pharmacia, que offerecesse relativas garantias.

Tambem não é menos certo, meus senhores, que as consultas nas pharmacias são um grande onus que ellas teem, e que a sua receita é algumas vezes inferior á despesa; e que, quando ha saldo, este é inferior ao que existiria, se, acabando as ditas consultas, houvesse, como noutros tempos, a devida distribuição do receitauario.

Foi, portanto, um péssimo systema que se inveterou em os nossos costumes e que apenas utiliza a um limitado numero de medicos e pharmaceuticos, sem vantagens sensiveis para os doentes, como se tem mostrado em discussões havidas nesta sala.

Posso, porém, dizer, que conhecedor como estou do pensar da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, defendi, como me cumpria, visto ser seu representante no seio da commissão official, os pontos que ella tem discutido e approved e que satisfaziam as suas justas aspirações.

Quando pois a Sociedade tiver conhecimento do citado projecto, póde discuti-lo desassombradamente, e proceder como julgar mais conveniente.

E' até vantajoso que as diferentes sociedades pharmaceuticas se manifestem sobre elle, habilitando se assim o governo a proceder em harmonia com as necessidades publicas.

Que não serão poucos os obstaculos que se hão de apresentar, sendo preciso para os vencer, um grande desejo de ser util á classe pharmaceutica.

Foi o que aconteceu com a refórma do ensino, e não fosse a vontade firme, energica do nosso Presidente Honorario, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, nada se conseguiria.

Repetir-se-ha agora o caso, isto é, encontraremos igual apoio na actual situação?

Não é facil responder a esta pergunta, e só o tempo nos esclarecerá.

O que podemos affiançar é que o illustre chefe do partido regenerador pensava em concluir a sua obra de regeneração da classe pharmaceutica, e que, portanto, tencionava melhorar o exercicio da pharmacia.

E' esta uma questão importante, que a direcção que nos succeder não esquecerá, empregando todos os seus esforços, afim de que seja resolvida satisfatoriamente.

N'outro assumpto de certa importancia teve a Mesa de intervir.

O antigo ministro das obras publicas, sr. conselheiro D. João de Alarcão, no seu decreto de reorganização de fomento agricola, esqueceu-se de que os pharmaceuticos podem cooperar com os agronomos, engenheiros, medicos e veterinarios, em serviços publicos do seu ministerio, porque havendo nas Escolas de Pharmacia cadeiras de analyses bromatologicas e de toxicologia e possuindo portanto os pharmaceuticos, estudos especiaes e desenvolvidos, sobre analyses de substancias alimenticias, devem ser chamados a occupar cargos, para que legitimamente estão habilitados, e que são da natureza dos que foram creados por aquelle ministerio.

Mostrou-se que não ha necessidade de importar chimicos estrangeiros, para analysts ou professores de chimica das escolas industriaes, porque com a criação das novas Escolas de Pharmacia cessou a falta que se dava, e que são os diplomados por estas escolas que devem exercer esses logares,

Ainda a Sociedade teve que se occupar da consulta dos consocios: srs. Gonçalvez, de Villa Nova de Gaya, perguntando se é obrigatorio nas pharmacias livro de registro do receituario, respondendo-se-lhe negativamente, e de José Augusto Carolino, de S. João de Cam-

pos, ácerca de assumptos de exercicio profissional, a quem tambem se respondeu, depois da Sociedade, em sessão, ter a isso habilitado a Mesa.

Se, porém, sobre estas consultas, se resolveu sem ouvir as respectivas commissões, outras consultas houve dos srs. Annibal Dias Saraiva, de Móra, e de José Maria Soares Teixeira, que tiveram de ser enviadas á commissão de pharmacia, afim de as estudar e apresentar pareceres, os quaes foram discutidos e approvados em sessões ordinarias.

Não ficou a Sociedade Pharmaceutica Lusitana esquecida das sociedades scientificas nacionaes, e mesmo de algumas estrangeiras, porque continuaram as boas relações que existem de longa data.

E pela commissão organisadora do congresso internacional de medicina, foi convidada a Sociedade a fazer-se representar no mesmo congresso, tendo eu sido honrado com essa representação.

Como informei a Sociedade, em tempo opportuno, foram dispensadas, ao seu representante, todas as regalias concedidas aos delegados das outras sociedades scientificas, o que bem justifica o credito de que goza a nossa agremiação. E este credito deve manter-se, augmentar mesmo, por isso que os novos diplomados, que possuem uma instrucção variada, e vastos conhecimentos de chimica, não de pelo seu saber e pela sua dedicação á causa pharmaceutica, contribuir para a prosperidade da nossa Sociedade, pagando assim o devido tributo a quem principalmente devem os seus valiosos conhecimentos.

Isto não quer dizer, que esta collectividade não tenha, em todos os tempos, tido socios prestimosissimos, que prestaram elevados serviços á commuidade e á sciencia. Este anno perdeu ella alguns de verdadeiro merito,

Assim, em 19 de outubro de 1905, via desaparecer

o seu socio benemerito, conselheiro Marianno de Carvalho, seu antigo secretario, que lhe prestára bons serviços, e que era o pharmaceutico que, em Portugal, mais se havia elevado.

Pertencêra ao curso do conde do Restello e de Anthero da Costa Oliveira, ambos fallecidos ha annos, e que tambem foram bons socios e occuparam elevadas posições.

Marianno Cirylo de Carvalho andava afastado da pharmacia; nem as suas multiplas occupações lhe deixavam tempo para della tratar.

Não se esquecia, porém, de que era pharmaceutico, e estava sempre prompto a attender os seus antigos collegas, e principalmente a Mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, como differentes vezes tive occasião de ver.

Tres mêses depois de perdermos Marianno de Carvalho, fallecia José Bento Coelho de Jesus, que durante largos annos foi nosso Presidente, cargo que conquistou no fim de occupar os logares de secretario da Mesa, e de nelles revellar bastante intelligencia e grande dedicação pela Sociedade. E' claro, que não quero dizer, que fôsse uma intelligencia superior, como Marianno de Carvalho, que possuiu faculdades privilegiadas. Mas era homem dotado de ideias bastante claras, com uma boa orientação, e consciencioso no desempenho das suas funções de pharmaceutico.

No trato era atrahente, gostando-se do seu convivio, e referindo-se sempre á Sociedade Pharmaceutica em termos que bem mostravam quanto lhe era dedicado; e na realidade prestou-lhe muito bons serviços, que não foram esquecidos, como se prova com a inauguração do seu retrato nesta sala, e com o elogio que o esclarecido professor sr. Carvalho da Fonseca acabou de fazer, e ainda com outras manifestações que se lhe promoveram.



Duas coisas, teve elle a grande satisfação de ver resolvidas, durante o tempo da sua presidencia: a reforma do ensino pharmaceutico e a construcção do edificio em que nos achâmos reunidos. Nunca poupou esforços em favor da resolução de tão difficeis problemas aos quaes muitas vezes sacrificou os seus interesses, por isso é justa a homenagem prestada á sua memoria.

E com José Bente Coelho de Jesus, e de mais membros da respectiva commissão, labutou muitissimo para se poder levar a cabo a obra da casa, outro socio benemerito, fallecido em março de 1905, o dr. Joaquim José Alves, do qual fallou o sr. Cisneiros de Faria, esclarecido secretario, que poz bem em evidencia os elevados meritos que possuia tão illustre professor.

Nunca esqueceremos o entusiasmo do dr. Alves, a vontade com que trabalhava e a confiança que tinha no resultado dos seus esforços, sabendo assim dissipar as duvidas, que ás vezes, no começo da campanha, um ou outro membro da commissão apresentava, fazendo portanto com que todos trabalhassem dedicadamente, até se levar á realidade a construcção do nosso edificio.

Bem merece, pois, a homenagem que se presta á sua memoria, que fica muito a quem do que a Sociedade deve a Joaquim José Alves.

Poucos socios lhe teem sido tão afeiçoados, e só conhecemos dois que estão no mesmo plano, e que, como elle, eram seus Presidentes Honorarios: referimos a José Dionizio Correia e José Tedeschi, que tivémos a satisfação de conhecer e de apreciar o muito que valiam.

O dr. Alves era ainda Director da Commissão de Chimica, e, pouco tempo antes do seu fallecimento, mostrou-nos as conclusões e resultados a que chegou numa analyse de quinas, o que tudo attesta, que apesar da sua idade não abandonára o trabalho nem a

sciencia, e que desejava continuar a ser util á Sociedade, visto que a sua ultima producção era para satisfazer a consulta do socio sr. Francisco de Jesus.

Elevou-se pelo seu talento, pela sua honestidade e trabalho constante, e não foi sem grande desgosto que os seus collegas e discipulos o viram desapparecer, não só por perderem um bom amigo, mas tambem devido a reconhecerem que podia, por muitos annos, continuar a ser util aos seus, á nossa agremiação, e a todos que precisavam do seu prestimo, que ainda era grande.

E como se, para a Sociedade e sciencia, não fossem já bastante estas mortes, perdêmo: mais este anno um socio honorario muito conhecido no paiz e no estrangeiro, pelos seus trabalhos analyticos e obras importantes sobre chimica.

Foi professor da cadeira de toxicologia da Escola de Pharmacia de Coimbra, e já por isto sabem os meus collegas, que falo de Santos Silva, que ha annos, num congresso que houve em Coimbra, representou a Sociedade.

Era tambem distinctissimo chimico-analista da 3.<sup>a</sup> circumscripção do reino e chefe dos trabalhos praticos do laboratorio chimico da universidade.

Ainda falleceu outro socio honorario, Miguel José de Sousa Ferreira, do Porto, que durante largos annos foi na mesma cidade delegado da Sociedade, prestando nesta qualidade muito bons serviços, e sendo sempre zeloso no desempenho do seu cargo.

Falleceram mais os socios: Antonio Francisco Nogueira, Antonio Manuel Augusto Mendes, Antonio José Martins Pereira, Antonio Pedro Cardoso Alves de Azevedo, Candido Augusto Ribeiro Gonçalves, Francisco Xavier de Paiva, Joaquim Gonçalves de Aguiar e José Fernandes Marques Junior, que deram muitas provas de ser amigos da nossa collectividade.

Não será facil preencher o vacuo, que o desappare-

cimento d'estes collegas deixou; mas, felizmente, para attenuar tão grande falta, entraram, durante o anno, bastantes socios, o que é uma garantia ou affirmação de que a Sociedade possui grandes elementos de vida, que lhe asseguram a sua existencia, para bem da classe pharmaceutica.

E devido a esta circumstancia, a nossa receita foi superior á de 1905, como consta das peças officiaes lidas pelo sr. secretario.

E' me grato dizer, que as vossas commissões se desempenharam bem dos trabalhos de que foram encarregadas e que o nosso thesoureiro continuou a ser zelosissimo no exercicio do seu cargo, devendo se-lhe, em grande parte, o bom estado financeiro da Sociedade.

Devo tambem affirmar, que os nossos bons empregados com o seu muito zelo e amor pela Sociedade, auxiliaram efficazmente a vossa Direcção.

Disse.

F. DE CARVALHO.

O sr. Presidente, ao terminar o seu discurso, foi muito felicitado, assim como haviam sido tambem os outros oradores.

Encerrou-se a sessão quasi ás 11 horas da noite.

O 2.º secretario


JOSÉ A. DE MINDONÇA CISNEIROS E FARIA

da Ordem dos Farmacêuticos

Centro de Documentação Farmacêutica

## SOCIEDADE PHARMA

Resumo da conta geral da receita e des

<b>RECEITA</b>	
Saldo em 1 de julho de 1905.....	84\$500
Quotas dos socios contribuintes.....	1:115\$400
Diplomas.....	36\$000
Assignaturas do jornal.....	5\$940
Annuncios publicados no jornal .....	17\$580
	
Réis.....	1:259\$420

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 30 de junho de 1906.

O 1.º SECRETARIO

*João Mendes Carreiro*

# CEUTICA LUSITANA

peza do anno economico de 1905 a 1906

## DESPEZA

Impressão do jornal .....	123\$500	
Assinaturas de jornaes estrangeiros.....	10\$350	
Contribuições.....	49\$600	
Seguro do edificio e da mobilia.....	23\$665	
Iluminação e limpeza do edificio.....	25\$140	
Ordenado do Escripturnario.....	120\$000	
Dito do continuo.....	192\$000	
Portes de jornaes, avisos e correspondencia.....	35\$590	
Despezas com a cobrança pelo correio.....	19\$320	
Ditas de expediente e impressos.....	61\$615	
Concerto e aquisição de moveis e utensilios.....	10\$360	
Despezas miudas .....	27\$015	
Ditas extraordinarias:		
Quota para o congresso de medicina de Lisboa...	5\$500	
Dita para o congresso de chimica em Roma.....	5\$000	
Despezas com a sessão solemne de 1905.....	2\$420	
Reparos no telhado e na canalisação e bicos de illuminação do edificio.....	16\$925	
Aluguel de trens para diversos actos em que a Mesa teve de representar a Sociedade.....	15\$500	
Metade da despeza com a impressão do projecto de reforma do exercicio profissional.....	41\$775	
Expedição de 971 exemplares do dito projecto...	9\$710	96\$830
		<hr/>
Amortisação de obrigações.....	250\$000	795\$065
Coupons das obrigações, pagos n'este anno.....	208\$000	458\$000
		<hr/>
Saldo para o anno economico seguinte.....		1:253\$065
		<hr/>
Réis.....		6\$355
		<hr/>
		1:259\$420

O THESOUREIRO

Antonino Alves Barata

## CHIMICA

### **O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.**

*(Continuado de pag. 234, dezembro de 1906)*

Tinhamos ficado, no numero antecedente, de provar que o processo colorimetrico para a dosagem da agua oxygenada não era o melhor, como disse o dr. Alfredo Luiz Lopes.

Não seria preciso dizer mais, porque da leitura dos processos descriptos se comprehende logo que aquelle processo é o mais massador e o que offerece mais dúvidas sobre a sua exactidão; queremos comtudo que fiquem bem scientes os nossos collegas, da verdade do que affirmámos, pelo que accrescentamos mais alguns elementos, deixando muitos outros que tinhamos, mas que não apresentámos para não alongar mais este assumpto, já de si vasto, para melhor confirmar o que dizemos.

Um dos pontos importantes para a verificação de côres em analyses quantitativas, é a vista do analysta, e esta varia de analysta para analysta, não apparecendo os tons com a mesma intensidade, tornando se para muitos imperceptiveis pequenas differenças, o que já tenho visto succeder até com as analyses polarimetricas.

Esta circumstancia é importante e deve ser tida em consideração principalmente por um medico, que sobre isto mais pôde dizer do que nós.

Outra circumstancia que ha a attender, é a côr e a espessura do vidro, que mascaram bastante estas reacções. A espessura da massa liquida, e, portanto, o diametro interior dos tubos e a sua perfeita egualdada influem bastante nos resultados.

A intensidade de luz a que as analyses d'esta natu-

reza são feitas, tem também importancia em analyses quantitativas por este processo, e todos sabem que essa intensidade varia constantemente, e que ha dias successivos com intensidade de luz sempre differente.

No fim de tudo isto ainda se dá mais a curiosa circumstancia, de que, no caso d'algum dos concorrentes ter querido fazer a analyse colorimetrica pelo processo indicado, não poderia fazer senão a approximada, e n'isso ainda ha duvidas, porque no pseudo laboratorio chimico da pharmacia do hospital de S. José não ha, nem havia, o colorimetro de Duboscq, e mesmo que o mandassem buscar emprestado, como fizeram com o calcimetro, á Escola de Pharmacia, também lá o não havia, não obstante alli se terem feito todos os annos dosagens rigorosas do oxygenio activo da agua oxygenada, tendo sido um dos meus trabalhos e do nosso collega Jayme Tavares, que comigo trabalhou em grupo, que juntamente com outros estão na posse da Escola de Pharmacia, em relatorio por nós apresentado.

Julgando esta parte do concurso sufficientemente discutida passamos á prova seguinte.

Como anteriormente dissemos, d'este grupo faziam parte Campos Palermo, Vasconcellos e Albuquerque.

O ponto sahido foi o ensaio do sulfato de sodio.

Este ponto é bastante ingrato, porque o jury recomendo desde o começo, e chegou a fazer insistencia neste sentido, de que os concorrentes só procurariam o que vulgarmente inquina as substancias, tanto pelo lado das impurezas que pudessem conter, por defeito de preparação, como pelas falsificações vulgares que lhes fazem.

Fazer, portanto, o ensaio do sulfato de sodio nestas circumstancias era tarefa facil.

Torna-se-me, porém, difficil estar a fazer apreciações sobre os trabalhos dos meus collegas que tiveram ponto igual ao meu; primeiro porque estive attento ao meu tra-

balho e em sêgundo logar porque não quero estar a estabelecer parallelos entre mim e elles; isso levaria ao espirito de quem nos lê, que poderia haver parcialidade da minha parte, porque qualquer cousa que eu dissesse em seu desfavor vinha directamente em meu beneficio.

Aqui, limito-me a narrar alguns factos, que se deram no decorrer dos nossos trabalhos.

O primeiro a utilizar o apparatus de Marsh, para pesquisar o arsenico, foi o signatario d'estes artigos.

O apparatus de Marsh que nos apresentaram parecia ter vindo d'um ferro-velho. Tanto o tubo de carga e segurança como o tubo abductor atravessavam rolhas de cortiça, que tinham sido recortadas e perfuradas pouco artisticamente, de fôrma que o apparatus não vedava, o que reconheci pelos processos que é de costume uzar, tendo algum trabalho para conseguir pô-lo em estado de poder funcionar.

O tubo abductor era curtissimo, contra o que está estabelecido, e o vidro d'este tubo era do mais fusivel.

Desconhecendo a fusibilidade do vidro do tubo, e querendo obter anneis d'arsenico, caso o houvesse, puz um bico de Bunsen por baixo e a meio do pequeno tubo.

Não obstante os bicos darem uma chamma muito pequena e eu a ter enfraquecido para começar a operação, quando procedia ao ensaio em branco, o tubo começou a vergar vertiginosamente, o que sobresaltou sobremaneira o sr. Silva Machado, que estava proximo, e exclamou:

Oh, Senhor! A isto respondi que não havia novidade, pois que com um vidro d'aquella qualidade com a mesma facilidade com que tinha vergado se endireitaria, desde que se lhe conservasse o calor, e isso fiz.

Este incidente fez convergir a attenção da numerosa assistencia, que se compunha de quasi todo o pessoal



da pharmacia do hospital, sobre o que acabava de succeder, havendo depois apreciações pouco favoraveis para mim, d'alguns individuos que pouco ou nada d'aquillo percebiam.

Ha hoje tubos próprios para o apparelho de Marsh, e para trabalhos muito mais melindrosos do que aquelle, como são os de toxicologia, em que muito trabalhamos, e que supportam tres e mais bicos de Bunsen, muito mais poderosos do que os que estão no hospital, sem que o tubo funda por aquella fórma.

O tubo que puzeram no frasco nunca foi do apparelho de Marsh, mas sim para se poder fazer com elle, aquecendo-o a um bico de gaz vulgar, do systema Bunsen ou ao Maçarico, tubos para a conducção de gazes ou qualquer outra applicação, e não para aquelle fim.

Entendeu o jury que havia de pôr no apparelho de Marsh um tubo do apparelho d'Woulff.

Havia um meio, desde que o tubo era tão fusivel, para se obterem os anneis; era estar o tubo resguardado por uma rêde metallica, assim, e com pouco calor, ainda se poderia fazer alguma cousa, *embora já não seja para a epoca em que estamos.*

Tendo eu feito as observações precisas sobre o caso, disse-me o vogal sr. Machado que obtivesse as manchas n'um bocado de porcellana.

Devem os collegas fazer ideia, com a enorme temperatura a que arde o hydrogenio, o que seria do bico d'um tubo d'estes; que ha tubos com bicos de platina para este fim, mas este não o tinha.

Accendi o hydrogénio, mas a chamma começou a diminuir, devido á fusão do vidro e o bico se começou a cerrar.

No entanto tentei com a porcellana vêr se obtinha manchas de arsenico, não se depositando nenhuma.

Se houvesse simplesmente vestigios de arsenico, por

esta forma não se encontraria, porque já tenho feito analyses toxicologicas, em envenenamentos de animaes, de pequenas proporções e tendo-lhes posto de parte o canal digestivo, em que só depois de  $\frac{1}{2}$  hora da incidencia d'um bico de Bunzen forte, e com toda a força da chamma, se consegue vêr uma tenue nuvem no primeiro estrangulamento do tubo, a seguir á dilatação sobre que incide a chamma.

Estes tubos com estrangulamento são os que actualmente se usam, porque offerecem mais vantagens na obtenção das manchas de arsenico ou antimonio.

Tendo procurado os chloretos pelo azotato de prata, e obtendo um precipitado branco d'apparencia caseosa, soluvel na ammonia e insoluel no acido azotico, levou-me isso á convicção de que os havia.

Ora é sabido de todos que estão habituados a fazer analyses chimicas, que quando nos apparece um corpo extranho, que qualquer reagente nos revela, não devemos contentar-nos só com isso, e sim procurar a confirmação da existencia do corpo revelado, empregando todos os meios de que podemos dispôr.

E' por isto mesmo que nos cursos de chimica se exige os varios reagentes de cada corpo, e não só um.

Ora fundando-me no conhecimento que eu tinha de taes indicações, não só pelos livros, mas pela experiencia e pela recommendação de professores abalisados, quiz fazer as reacções que conhecia dos chloretos, e para isso disse ao jury que queria fazer uma reacção a que os mais considerados chimicos ligam grande importancia, e entre elles Achilles Machado, meu saudoso professor, Ferreira da Silva, etc.

Essa reacção é muito facil de fazer, para o que basta simplesmente haver um balão com uma rolha atravessada por um tubo de vidro que communique com um recipiente qualquer contendo ammonia.

Dentro do balão deita-se o corpo que se suspeita conter

chloretos, di-chromato de potassio e acido sulfurico.

Aquecendo depois o balão formam-se vapores vermelhos de chlorhydrina chromica.

Estes vapores vermelhos dirigidos para a ammonia, aquecendo o tubo para que se não condensem, dão-lhe uma côr amarella, devido á formação do chromato d'ammonio.

O liquido que fica dá as reacções dos chromatos.

Imaginem o que respondeu o vogal sr. Emilio Fragozolo?

Encolheu os hombros, saccudio a cabeça, e n'um arranco leonino disse com voz vibrante, que aquillo não era para alli, porque eram altas chimicas!!!

A minha situação era bastante critica, porque não fui ao concurso para me divertir nem para fazer o jury passar um mau bocado.

Eu não levava recommendações para os meus collegas, e é mesmo possivel que parte do jury me não visse com bons olhos, por eu ter contrariado, em certas occasiões da vida pharmaceutica, os seus intentos...

Tinha sido prevenido por collegas e condiscipulos que não pensasse em ficar em primeiro lugar, porque já estava destinado quem havia de ser o preferido, ou antes preferidos, para a Santa Casa.

Houve quem dissesse, horas antes da ultima prova do concurso, que ia escrever o nome de quem ficava atraz da porta d'entrada da Escola de Pharmacia.

E esse alguem tinha razões para estar bem informado do que havia, porque está em contacto com os magnates da Mizericordia, e cousas parecidas.

O nosso collega Moraes chegou-me mesmo a dizer quem ficaria, mas não lhe dei grande credito, não obstante me merecer a maior confiança e consideração, porque tudo poderia esperar, menos o que elle me disse.

N'estas circunstancias, não querendo ferir uma pen-

dencia com o jury, o que faria com que mais assirrados se tornassem contra mim, virei as costas ao sr. Frago e continuei nos meus trabalhos.

Quiz investigar se o sulfato tinha iodeto ou brometo, e para isso pedi agua de chloro.

Trouxeram-me uma agua que é provavel que já tivesse sido de chloro, mas que estava incolor, não tinha cheiro a chloro e estava muitissimo acida. Isto é, era um soluto diluido d'acido chlorhydrico.

Reclamei um tanto timido, com receio d'alguma investida, dizendo que aquelle reagente estava incapaz.

Foi o sr. Silva Machado que me attendeu e concordou comigo.

Mandou procurar se havia outra agua de chloro.

Trouxeram outra, mas tambem não estava boa porque tinha forte reacção acida e pouco cheiro a chloro, estava quasi incolor.

Como eu dissesse isto, um individuo que andava trazendo estas cousas, respondeu que a agua estava boa, porque cheirava a chloro.

D'esta vez não me pude conter, e tive que estar a dizer as razões porque affirmava que agua não estava como devia, e a explicar a facil alterabilidade da agua de chloro.

Este reagente deve ser recente e estar bem acondicionado. Não são precisos muitos dias para que o chloro, que é um oxydante indirecto, se combine com o hydrogenio da agua, para que tem extrema affinidade, e se forme ClH.

(Continúa)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

## PEÇAS OFFICIAES

## Parecer da Comissão de Chimica sobre uma amostra de sulfato de quinina, nacional

Senhores:

Por deliberação d'esta Sociedade, foi enviado á Comissão de Chimica um frasco dizendo conter uma amostra de sulfato de quinina, acompanhado de um officio dos srs. Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>, d'esta cidade, com fabrica de saes de quinina na rua Valadares, n.º 6-C, ao Poço do Bispo, a fim de que, depois de analysada, dê sobre ella o seu parecer.

O frasco que continha a amostra encontrava-se fechado com rolha de cortiça, tendo sobre esta uma capsula de estanho, côr carmezim, e gravados os seguintes dizeres: *Laboratorio Chimico-pharmaceutico—Saes de quinina—Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>—Lisboa.*

Apposto ao mesmo frasco encontra-se um rotulo com as designações seguintes: *Sulfato de quinina, fabricado no Laboratorio Chimico pharmaceutico de Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>—Rua Valadares—Poço do Bispo—Escriptorio e Deposito, 150—Rua do Arsenal—Lisboa.*

Aberto o frasco e procedendo-se ao reconhecimento das propriedades organolepticas da substancia contida no frasco, verificou-se a existencia de uma substancia branca, crystaes aciculares, sabor muito amargo, inodoro e efflorescente. Tornou-se soluvel na agua quente, alcool e ether, sem residuo.

Pela sua solubilidade podia desde já a vossa Comissão chegar a uma conclusão; mas entendeu proseguir na analyse não só para se certificar do seu grau de pureza, como ainda avaliar dos processos de prepara-

ção, que tantas vezes concorrem para que um determinado producto appareça inquinado de outras substancias por deficiencia no methodo empregado na extracção dos principios activos.

Começou, pois, a vossa Commissão por determinar a humidade e as cinzas, estando aquella dentro dos limites normaes e estas nullas, concluindo-se, por este facto, que não contem substancias mineraes.

Foi em seguida tratada a amostra do sulfato de quinina pela agua acidulada, com acido sulfurico, que não denunciou a presença de corpos gordos, sulfato de calcio e fecula.

Tratada pelo alcool a 60° e fervente dissolveu-se completamente não accusando, portanto, a existencia de saes mineraes, corpos gordos, assucar de leite e fecula.

Submettida a amostra a acção do acido sulfurico concentrado, o sulfato de quinina não se córou, mostrando assim a ausencia de assucares e da salicina.

Entendeu ainda a vossa Commissão pesquisar a cinchonina e a quinidina, que muitas veses acompanham os saes de quinina, devido aos defeitos de preparação. Para esta verificação agitou-se o sulfato de quinina com o ether, dissolvendo-se totalmente, não contendo, pois a cinchonina e a quinidina.

D'aqui conclue a vossa Commissão e é de parecer que a amostra do sulfato de quinina, fabricado no Laboratorio Chimico-pharmaceutico de Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>, constitue o sulfato de quinina *chimicamente puro*, tal como é exigido para os usos medicos.

Lisboa e sala da Commissão de Chimica em 25 de Janeiro de 1907.

O Presidente da Commissão

ANTONIO CARVALHO DA FONSECA.

RAUL LUPI NOGUEIRA.

Vogaes { JOSÉ A. DE M. CISNEIROS E FARIA.

JAYME TAVARES.

# Quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

EM 30 DE JUNHO DE 1906

## Protector

Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Carlos I.

## Presidente honorario

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro—Lisboa.

## Benemeritos

Agostinho Sisenando Marques—Lisboa.

Alfredo da Silva Machado—Lisboa.

Dr. Carlos Augusto May Figueira—Lisboa.

Eduardo Julio Janvrot—Rio de Janeiro.

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro—Lisboa.

Joaquim Urbano da Veiga—Lisboa.

José Ribeiro Guimarães Drack—Lisboa.

## Honorarios nacionaes

Adolpho Frederico Möller—Coimbra.

Alberto da Costa Veiga—Lisboa.

Antonino Alves Barata—Lisboa.

Antonio Joaquim Ferreira da Silva—Porto.

Dr. Antonio Xavier Pereira Coutinho—Lisboa.

Augusto Simões d'Abreu—Lisboa.

Carlos Ritcher—Porto.

Dr. Eduardo Augusto Motta—Lisboa.

Emilio Silvestre Dias—Lisboa.

Francisco de Carvalho—Lisboa.

Francisco Ferreira da Silva—Porto.

Francisco da Fonseca Benevides—Lisboa.

Francisco Maria Supico—Ponta Delgada.

- Dr. Guilherme José Ennes—Lisboa.  
 Isidoro da Fonseca Moura—Porto.  
 João Maria Holtremann do Rego Botelho de Faria—  
 Lisboa.  
 João Mendes Carreiro—Lisboa.  
 José Pedro Estanislau da Silva—Lisboa.  
 D. José de Saldanha Oliveira e Sousa—Lisboa.  
 Dr. Julío Augusto Henriques—Coimbra.  
 Luiz Antonio Rebello da Silva—Lisboa.  
 Manuel Nepomuceno—Porto.  
 Nuno Freire Dias Salgueiro—Porto.  
 Vicente José de Seica—Coimbra.

#### Honorarios estrangeiros

- Mr. A. Andouard—Nantes.  
 Mr. Alfred Rich—Paris.  
 Mr. Arthur Petit—Paris.  
 Mr. Bussy—Paris.  
 Carlos von Bonhorst—Lisboa.  
 Charles Lepierre—Coimbra.  
 Mr. Eusébe Ferrand—Paris.  
 Dr. Francisco da Silva e Castro—Pará.  
 Henrique Picard—Brest, França.  
 Dr. Hugo Mastbaum—Lisboa.  
 Mr. I. Léon Soubeiran—Paris.  
 João Francisco Alexandre Blanco—Rio de Janeiro.  
 D. João José Villar—Salamanca.  
 Dr. D. Joaquim Cassan—Valencia.  
 José Praxedes Pereira Pacheco—Rio de Janeiro.  
 L. T. de Nobéle—Gand, Belgica.  
 Dr. D. Luis Bartual—Valencia.  
 D. Luis Góngora—Barcelona.  
 Luiz Rieddel—Rio de Janeiro.  
 Dr. Manuel Thomaz dos Santos—Rio de Janeiro.  
 Dr. D. Nicolás Ferrer y Julve—Valencia.  
 Tristão de Sá Cheven—Rio de Janeiro.



**Effectivos**

- Abilio Raul Frazão—Lisboa.  
Albino Antonio Freire d'Andrade—Lisboa.  
Adelino Ferreira Bairrão Ruivo—Lisboa.  
» de Moura Santos—Lisboa.  
Antonio Alberto Marques—Lisboa.  
» Baptista Cabral—Lisboa.  
» Bento Coelho de Jesus—Lisboa.  
» Carvalho da Fonseca—Lisboa.  
» Cesario d'Almeida Alves—Lisboa.  
» Corrêa Pinheiro—Lisboa.  
» da Costa—Lisboa.  
» Diniz d'Abreu—Lisboa.  
» Ferreira—Belem.  
» Ferreira—Lisboa.  
» da Fonseca Pinto—Lisboa.  
» João Rosa—Lisboa.  
» José de Paiva Nogueira—Lisboa.  
» Maria da Gama Junior—Lisboa.  
» » Martins de Jesus—Lisboa.  
» Ribeiro d'Albuquerque—Lisboa.  
» Silva—Lisboa.  
Armando de Campos Palermo—Lisboa.  
» Arthur da Costa Lima Grijó—Lisboa.  
» Augusto Cesar—Lisboa.  
» Humberto Camacho Rodrigues—Lisboa.  
» José Carlos d'Oliveira—Lisboa.  
» Pereira da Silva—Lisboa.  
» Ribeiro dos Santos Viegas—Lisboa.  
Auralino Gonçalves—Lisboa.  
Aurelio Leonardo do Rego—Lisboa  
Bernardo Dias—Lisboa.  
Caetano José da Silva—Lisboa.  
Candido Augusto da Encarnação Santos—Lisboa.  
Carlos Augusto de Carvalho—Lisboa.

- Carlos Costa Carvalho—Lisboa.  
 » Eugenio da Silva Carvalho—Lisboa.  
 » Leopoldino de Abreu de Lima e Sousa Cor-  
 deiro—Lisboa.  
 Cesar Alves d'Azevedo Pires—Lisboa.  
 Conde do Restello—Belem.  
 Cyrino da Silva—Lisboa.  
 Diogo José da Encarnação Carvalho—Lisboa.  
 Domingos Estanislau da Silva—Lisboa.  
 » Francisco da Silva Nogueira—Lisboa.  
 Eduardo Ferreira d'Oliveira e Silva—Lisboa.  
 Emilio Agnello Ramos Rosa—Lisboa.  
 » Augusto de Faria Estacio—Lisboa.  
 Ernesto Gonçalves da Rocha e Castro—Lisboa.  
 » dos Santos—Lisboa.  
 Fausto Cardoso de Figueiredo—Lisboa.  
 Felisberto Augusto Lopes—Lisboa.  
 Fernando Augusto Callado Nunes—Lisboa.  
 Fernando Mendes Pereira—Lisboa.  
 Filippe Pereira de Mattos Miranda—Lisboa.  
 » Ribeiro Chaves Meyrelles—Lisboa.  
 » Valladas Preto—Lisboa.  
 Francisco Cortez—Lisboa.  
 » Carlos da Costa—Lisboa.  
 » José Carneira—Lisboa.  
 » José da Costa—Lisboa.  
 » Luiz Nobre Sobrinho—Lisboa.  
 » Mendes Gomes—Belem.  
 Gaspar Maria do Nascimento—Lisboa.  
 Germano Justiniano de Sousa—Lisboa.  
 Henrique d'Oliveira Franco—Lisboa.  
 Ismael Tristão Pimentel—Lisboa.  
 Izidoro Marques Baptista—Lisboa.  
 Jayme da Costa Tavares—Lisboa.  
 Jayme José da Costa—Lisboa.  
 João d'Assumpção Ferreira Veiga—Lisboa.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

- João Augusto Bezelga—Lisboa.
- » Carlos Alberto da Costa Gomes—Lisboa.
  - » Damaso Pires—Lisboa.
  - » Francisco de Jesus—Lisboa.
  - » Francisco d'Oliveira Junior—Lisboa.
  - » Francisco Tavares—Lisboa.
  - » Gregorio Ferreira—Lisboa.
  - » José da Costa—Lisboa.
  - » Maria Lopes—Lisboa.
  - » Maria Pereira—Lisboa.
  - » de Mattos Casaca—Lisboa.
  - » Paiva da Costa—Lisboa.
  - » Victorino Vieira—Lisboa.
- Joaquim Antonio Vaz Leirinha—Lisboa.
- » José Caetano Castella—Lisboa.
  - » Duarte Ferreira—Lisboa.
  - » Maria Correia—Lisboa.
  - » Marques de Sousa—Lisboa.
  - » de Mattos Alves Christovão Pinheiro—Lisboa.
  - » Pedro de Moraes—Lisboa.
  - » Quaresma de Moura—Lisboa.
  - » Vieira da Fonseca Junior—Lisboa.
- Jorge de Mendonça—Lisboa.
- José Abilio Ferreira Junior—Lisboa.
- » Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria—Lisboa.
  - » Antonio da Costa Junior (Dr.)—Lisboa.
  - » Augusto Pancada—Lisboa.
  - » Bento de Almeida—Lisboa.
  - » Bento Rodrigues—Lisboa.
  - » de Mattos Cid—Lisboa.
  - » Maria Pereira Ferraz—Cintra.
  - » Feliciano Cardoso Alves d'Azevedo—Lisboa.
  - » Ferreira Fazenda—Belem.
  - » Ferreira da Silva—Lisboa.
  - » João Balthazar—Lisboa.
  - » Maria de Jesus Reya Campos—Lisboa.

- José Maria Monteiro Macedo—Lisboa.  
» Maria Soares Teixeira—Lisboa.  
» Martinho Nunes Junior—Alcochete.  
» Nunes—Lisboa.  
» Pereira Rodrigues—Lisboa.  
» Vicente das Neves—Lisboa.
- Leopoldo Todi Gonçalves—Lisboa.  
Luiz Pinto Leão d'Oliveira—Lisboa.  
» José Botelho Seabra Lopes—Lisboa.
- Manoel Adriano Mourato Vermelho—Lisboa.  
» Cordeiro Manso—Lisboa.  
» da Fonseca Morato Godinho—Lisboa.  
» Fernandes Cruz (Dr.)—Lisboa.  
» Fernandes Pessoa—Lisboa.  
» dos Reis Gonçalves—Lisboa.  
» Martins Pinheiro—Lisboa.  
» Pereira Guimarães—Lisboa.  
» Peres—Lisboa.  
» Pinheiro Cardoso—Envendos.  
» Valente Serrano—Lisboa.  
» Vicente de Jesus Abrantes—Lisboa.
- Mario Hugo da Costa Santos—Lisboa.  
» Judice de Oliveira—Lisboa.
- Matheus Soares das Neves—Lisboa.  
Maximiano de Sousa Ferreira Leitão—Lisboa.  
Paschoal José de Moura—Lisboa.
- Pedro Augusto Ferreira da Silva—Lisboa.  
» Augusto Franco Junior—Belem.
- Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles—Lisboa.  
Raul Lupi Nogueira—Lisboa.  
Rodrigo Gonçalves Bentes—Lisboa.  
Rodrigo da Silva Ramos—Lisboa.  
Sebastião Dias Braga—Lisboa.  
» Vito Abreu da Silva—Lisboa.
- Seraphim Pires Coelho David—Lisboa.  
Thebar d'Oliveira—Lisboa.

Venancio Firmino de Sampaio—Bemfica.

**Correspondentes nacionaes**

Abilio Ignacio Rosa—Castanheira de Pera.

Abel Augusto Proença—Trancoso.

Abilio Augusto Simões—Recarei.

Adelino Pedroso Barreto—Idanha-a-Nova.

Adolpho Raul Rebello da Fonseca—Vendas Novas.

Agostinho José dos Ramos—Porto.

Alfredo Faustino d'Andrade—Porto.

» Machado da Silva—Villa Franca do Campo.

» Theodoro Simões Manso—Villa do Avellar.

» Victor Baptista Alves Salvado—Covilhã.

Alvaro Maximo de Sousa Freitas Sampaio—Batalha.

Annibal Dias Saraiva—Móra.

Angelo Abrantes Pereira Morão—Zebreira.

Anastacio Rodrigues Portella—Ancião.

Anthero Augusto Leal Marques—Alemquer.

Antonio d'Almeida Oliveira Matta—Rio Maior.

» Augusto Vieira—Ponta Delgada.

» Baptista Alves de Lemos—Porto.

» Bernardo de Miranda—Arruda dos Vinhos.

» Braz Branco—Cadaval.

» de Sousa Pedroso—Covilhã.

» Coelho Baleiro—Amarelleja.

» Domingos Alvim—Braga.

» Duarte Maneira—Aldeia Gallega do Ribatejo.

» Epiphanio da Franca—Alcobaça.

» da Fonseca Simões—Thomar.

» Gomes Duque—Cabo Verde.

» Ignacio Piçarra—Beringel.

» Joaquim Cardote—S. Lourenço do Bairro.

» Joaquim Rosado e Silva—Elvas.

» José d'Araujo—Carapinheira do Campo.

» José da Costa—Lisboa.

» José Dias—Villa Nova de Portimão.

- Antonio José Pimentel—Valle Passos.
- » Manoel Alves—Belmonte.
  - » Maria Fernandes—Covilhã.
  - » Martins Vidigal Salgado—Benavente.
  - » Mendes Lopes—Cascaes.
  - » de Pina e Oliveira—Beato Antonio.
  - » Rosado Caieiro—Reguengos.
  - » Soeiro—Ferreira do Zezere.
- Arnaldo Augusto Caldeira—Povoia de Santa Iria.
- Arthur Zuzarte Pitta—Sines.
- Augusto Maximo de Oliveira Freitas—Poço do Bispo.
- » Mendes Leite—Taveiro.
- Aureliano José Santos Viegas—Coimbra.
- Bellarmino dos Santos Barata—Fundão.
- Bento Cesar Pereira—Villa Franca de Xira.
- Bernardo Rodrigues Ventura—Loanda.
- Bruno da Silva Lomba—Ponte de Lima.
- Candido Ferreira da Motta—Evora.
- Carlos Julio Martins Pereira—Merceana.
- Carlos Monteiro Torres—Benguella.
- Carlos Pereira Campeão—Alcobaça.
- Cesar Augusto de Fontes Simões—Torres Vedras.
- » Romano Baptista—Setubal.
- Cosme do Carmo Cardoso—Porto.
- Custodio Heitor—Carcavellos.
- Eduardo Augusto Marques Perdigão—Olhalvo.
- » d'Almeida Victoria—Fundão.
  - » Augusto Pereira Pimenta (Dr.)—Porto.
  - » Ribeiro—Linda-a-Velha.
- Elysio Augusto Maria d'Andrade—Tocha.
- Emygdio Gonçalves d'Azevedo—Aldeia Gallega do Ribatejo.
- Emygdio de Sá Xavier de Magalhães—Certã.
- Ernesto de Castro—Porto.
- Estevão Gomes—Anciães de Baixo.
- Feliciano Castilho de Almeida—Fundão.

- Fernando Augusto da Paixão—Elvas.  
 » Pimenta—Luso.  
 Filippe Gomes Vieira—S. Vicente de Cabo Verde.  
 Firmino Antonio Sotto Maior Raposo — Pernambuco.  
 Florencio Pereira Garcia—Bombarral.  
 Fortunato Rocha da Fonseca—Condeixa-a-Nova.  
 Francisco Candido Barbosa—Rio Maior.  
 » Cardoso Ayres Pinheiro—Fayal.  
 » Costa—Belmonte.  
 » Ferreira Simões Brandão—Santo Antonio da  
 Cachoeira. Brazil.  
 » de Paula Rebello—Angra do Heroismo.  
 » d'Oliveira Sousa Pombeiro—Porto.  
 » de Sousa Gomes—Villa Nova de Portimão.  
 » José d'Amorim—Foz do Douro  
 » José Gomes Carmello—Estremoz.  
 » José da Rosa Correia—Campo Maior.  
 » Julio Tavares de Magalhães—Porto.  
 » Lopes Pereira—Azeitão.  
 » Manoel da Silva Alegria—Santo Antonio de  
 Convallescença.  
 » Prophyrio Albano Gonçalves—Salvaterra de  
 Magos.  
 » de Salles da Guerra—Borba.  
 » Simões da Guia—Lisboa.  
 Frederico Albino d'Araujo Leite—Mirandella.  
 Hermenegildo das Neves e Sousa —Albergaria das Dôze.  
 Henrique Eduardo Nunes dos Santos—Pará.  
 Humberto da Cunha Corrêa—Horta, Fayal.  
 Hygino Antonio da Silva—Villa Nova de Gaya.  
 Jayme Guimarães de Almeida—Porcalhota.  
 João d'Almeida e Sousa Junior—Vianna do Castello.  
 » Baptista da Silva Mattos—Cabo Verde.  
 » Baptista Ribeiro da Cunha—Fermil de Basto.  
 » Fernandes da Cruz—Tavira.  
 » José Pereira Leal—Pico de Regallados.

- João Mendes da Fonseca—Beja.
- » Mendes Lopes—Cascaes.
  - » da Rocha Lemos—Angra do Heroismo.
  - » Rodrigues de Noronha Junior—Azambuja.
  - » Simões de Castro e Costa—Figueira da Foz.
  - » Torres Pinheiro—Thomar.
  - » dos Santos Duarte—Benguella.
  - » Vellasco Galliano—Loanda.
  - » Vellez Trindade—Portalegre.
- Joaquim Albino Fernandes—Beira, Moçambique.
- » Augusto Jorge da Silva—Tortuzendo.
  - » Baptista Alves de Lemos—Porto.
  - » Calixto da Silva Guedes—Cartaxo.
  - » Evaristo de Almeida—Coruche.
  - » Fiel Figueiras—Lagoa.
  - » Fernandes Paulitos—Reguengos.
  - » Fernandes Teixeira—Santa Cruz da Trapa.
  - » Jesus Cardoso Sousa—Maiorca (Figueira da Foz).
  - » Mendes Corrêa—Coruche.
  - » Pereira Cardoso—Villa das Vellas, S. Jorge.
  - » da Silva Gomes—Belem.
  - » da Silva Teixeira—Pinhel.
  - » Vaz Agostinho—Vizeu.
  - » Vieira da Silva—Alcantarilha.
- José Antonio Filippe de Proença—Peniche.
- » Antonio Lobo de Carvalho—Vidigueira.
  - » Antonio Vieira Alves—Lisboa.
  - » Antunes de Sousa—Souzellas.
  - » Augusto Lopes do Rego—Chão de Couce.
  - » Augusto Carolino—S. João de Campo.
  - » Augusto Piteira Falcão—Montemór-o-Novo.
  - » Augusto da Costa e Salles—Mealhada.
  - » Adelino da Costa Faria—S. Thomé.
  - » Dordio Rebocho Paes—Cano.
  - » Elysio Mendes Alves—Torrozzello,



- José Ferreira de Mattos—Ilha do Principe.
- » Francisco da Silva—Beja.
  - » Gonçalves Bandeira—Faro.
  - » Ignacio—S. Thomé.
  - » Joaquim Duarte Imaginario—Chamusca.
  - » Juvenal Pinto Soromenho—Seixal.
  - » Maria da Costa Villela—Paços de Ferreira.
  - » Maria Martins—Guarda.
  - » Martins da Costa—S. Pedro de Cintra.
  - » de Mattos Casaca—S. Braz d'Alportel.
  - » de Mello Alves Brandão—Coimbra.
  - » das Neves Pereira da Cruz—Peniche.
  - » Patrocínio d'Oliveira—A Dos Francos.
  - » Pedro Dias—Ourique.
  - » Pedro Xavier Rodrigo—Castello Branco.
  - » Pereira Chaves—Aldeia da Ponte.
  - » Ribeiro Lopes—Lagos.
  - » da Silva Fortes—Gavião.
- Julio Carlos Gonçalves—Vinha da Rainha.
- Lazaro do Ó Oliveira—Olhão,
- Luiz Antonio da Costa—Vidigueira.
- » Gomes da Silva—Angra do Heroismo.
  - » Gonçalves Casco—Reguengos.
- Manoel Alves de Sá—Villar do Paraizo.
- » Augusto Annes—Dondo.
  - » da Conceição Rocha—Vianna do Alemtejo.
  - » da Costa—Sobral do Mont'Agrazo.
  - » Euzebio de Souza—Angra do Heroismo.
  - » Duarte Ferreira—Rocio de Abrantes.
  - » das Dores Tello da Fonseca—Porto.
  - » Evangelista Junior—Almodovar.
  - » Ferreira da Cunha—Ilhavo.
  - » Ferreira Geraldés—Aldeia Gallega do Ribatejo.
  - » Ferreira da Motta Ferraz—Abrantes.
  - » Francisco Charráz—Aldeia Nova de S. Bento.
  - » do Livramento Pires—Ponte de Sôr.

- Manoel Joaquim Charrua—Olivaes.  
 » José Fernandes Costa—Coimbra.  
 » Maria Vieira—Alverca do Ribatejo.  
 » Nunes—Coimbra.  
 » Pereira de Barros—Campo Grande.  
 » Rodrigues Machado—Mina de S. Domingos.  
 » dos Santos Marrazes—Monte de Caparica.  
 Marciano Pereira dos Santos Beirão—Lisboa.  
 D. Margarida Ayres Malheiros—Bellas.  
 Mario de Mesquita Lopes—Cezimbra.  
 Maximiano Augusto Rosa de Macedo—Freixcanda.  
 Pedro Barneto Nogueira—Sardoal.  
 Raul Ferreira Vidal—Estarreja.  
 Ruy Lopes—Villa da Povoação.  
 Sebastião José Dantas—Loanda.  
 Seraphim da Paz Medeiros—Alcacer do Sal.  
 Silvestre Maria Lopes—Portalegre.  
 Theotonio Alberto Mendes—Angra do Heroismo.  
 » Ernesto da Silva e Camara—Capellas, Ponta  
 Delgada.  
 Vasco d'Oliveira Duque—Vallada.  
 » Sequeira de Moraes—Ponta Delgada.  
 Virgilio Augusto de Medeiros Botelho—Ponta Delgada.  
 » de Mesquita Lopes—Cezimbra.

#### Correspondentes estrangeiros

- D. Angel Bellogin—Aguasal, Madrid.  
 D. Angel Garrido—Madrid.  
 Mr. Augustin Nicot—Paris.  
 Mr. Debreux—Bruxellas.  
 Mr. Donato Valdez Fuguet—Tocuyo, Venezuela.  
 Mr. Emile Gibert—Moulins.  
 D. Frederico Gomez de La Mata—Madrid.  
 D. Francisco Enriquez—Madrid.  
 Mr. G. N. Zaniviano—Athenas.  
 Mr. H. Verhassel—Anvers.

- Dr. D. Joaquim M. Salvaña Comas—Barcelona.  
D. Joaquim Olmedilla y Puig—Madrid.  
D. Juan Gualvento Talegon—Madrid.  
D. Juan Pedro Blesa—Madrid.  
D. Juan Roiz del Cerro—Madrid.  
Mr. Louis Creteur—Bruxellas.  
D. Luciano Garrido—Madrid.  
Manoel S. Soriano—México.  
D. Mathias Avilez—Rebledo de Chabelo.  
Mr. De Mayer—Bruxellas.  
D. Nemesio Lallana—Madrid.  
D. Nicolás Gomez Calleja—Madrid.  
Mr. O Debeck—Bruxellas.  
Dr. Pedro Leite Chermont—Pará.  
Mr. Theodore Belval—Bruxellas.  
Dr. Vande Walle—Bruxellas.

---

## CHIMICA

---

### **Nova reacção do oleo de figados de bacalhau Vreven (1)**

O auctor propõe a reacção seguinte, para distinguir o oleo de figados de bacalhau, e convida os seus confrades a experimental-o: misturam-se 5.<sup>cc</sup> d'oleo com 5.<sup>cc</sup> d'ether; juntam-se 25.<sup>cc</sup> d'alcool forte (92 a 98,°); deixa-se depositar; o liquido limpido sobrenadante é vertido em uma capsula de porcellana de fundo chato, e adiciona-se-lhe gotta a gotta acido nitrico fumante (D=1,48).

A' aproximação de cada gotta, produz-se coloração azul fugaz.

E' preciso ter o cuidado de lançar uma grande quantidade d'agua na mistura acima indicada, desde que o

---

(1) Annales de pharmacie de Louvain.

ensaio esteja terminado, porque esta mistura, que contem alcool, ether e acido nitrico, poderia aquecer e produzir explosão com desenvolvimento de abundantes vapores nitrosos.

### O acido iodhydrico na tinctura d'iodo (1)

Na tinctura d'iodo, antiga, fórma-se sempre uma certa quantidade d'acido iodhydrico, que, pela sua applicação, provoca muitas vezes erythemas. Evita-se este inconveniente juntando á tinctura d'iodo um sal de sodio: o borax.

M. Claret aconselha o emprego da seguinte formula:

Borato de sodio.....	2 grammas
Tinctura d'iodo.....	12

Nesta formula o borato de sodio produz, com o acido iodhydrico, o iodeto de sodio e acido borico, ficando um e outro em solução.

O borato de sodio sendo mais insolúvel no alcool, deposita pelo repouso no fundo do frasco.

G. NASCIMENTO.

## Centro de PHARMACIA da Ordem dos Farmacêuticos

### oleo de ricinos em pó

Segundo uma patente allemã, obtem-se uma mistura pulverulenta, contendo proporção assaz consideravel d'oleo de ricinos, operando da seguinte fórma: precipita-se a caseina d'um litro de leite, ja privado da sua materia gorda; exprime-se até que não contenha

(1) La clinique

mais do que 70 p. 100 d'agua; juntam-se 5 c. cubicos d'um soluto de carbonato de sodio ao decimo, depois 40 grammas de assucar de leite e finalmente 80 grammas de oleo de ricinos; sécca-se no vacuo e pulverisa-se.

(*Repertoire de Pharmacie*).

G. NASCIMENTO.

## VARIEDADES

### **O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa**

Sômos obrigados, por absoluta falta de espaço, a retirar, deste numero, o artigo do nosso distincto collega sr. Armando de Campos Palermo, em que responde a um periodico da classe, e continúa a afirmar o seu saber, e a honrar o nosso jornal, porque tem, realmente, revelado qualidades muito apreciaveis.

Vê-se que as Escolas de Pharmacia começam a produzir pharmaceuticos de bastante valor, o que é para os seus professores uma gloria, e para nós todos motivo de satisfação.

O artigo será publicado em o numero immediato; que nos desculpe o seu auctor.

### **Sulfato de quinina nacional**

Ha muito, desde julho de 1906, que foi quando nos chegou ás mãos um frasco de sulfato de quinina, que desejávamos visitar a fabrica, onde actualmente se prepara este producto. Só, porém, ultimamente nos foi possivel realisar o nosso intento, que nasceu da vontade que tínhamos de nos esclarecer, para dissipar umas pequenas duvidas que haviam feito nascer em o nosso espirito.

Isto não dizia respeito á qualidade do sulfato, que

nos agradou muito; reconhecendo que o estrangeiro não era melhor, e que, portanto, não devíamos hesitar em contribuir com o nosso parecer, para que elle fôsse introduzido nos usos medicos do exercito.

Depois, os bons credits que já gozava o Laboratorio de productos chimicos e pharmaceuticos dos srs. Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>, dirigido pelo nosso collega sr. José Pereira Rodriguez, pharmaceutico serio e muito considerado na classe, pela sua probidade moral e scientifica, eram garantias de que o producto seria sempre bom, isto é, igual á amostra que tínhamos obtido, e que submettemos ao nosso exame.

O resultado dos ensaios a que procedemos não podia ser mais satisfatorio, o que tudo contribuiu, para podermos prestar á industria nacional o pequeno serviço que citámos.

A preparação do sulfato de quinina portuguez, é, incontestavelmente, uma honra para o nosso paiz, e presta um bom serviço aos cultivadores de quinas das nossas colonias, porque toda a quina consumida na fabrica é das colonias portuguezas.

Era, pois, natural o desejo que tínhamos de ver a fabrica em laboração, desejo que augmentou, quando a casa Ribeiro da Costa pediu á Sociedade Pharmaceutica que lhe mandasse analysar o seu sulfato de quinina. O bello resultado da analyse, feita pela commissão de chimica --que o sulfato é chimicamente puro--, veio dar razão ao nosso proceder.

Quando se discutiu o parecer da commissão, em sessão da Sociedade Pharmaceutica, se incommodo de saude nos não prendesse em casa, teriamos dito então que a visita que fizemos á citada fabrica, nos deixou as melhores impressões.

Está numa casa ampla, com boas accomodações, tendo uma ponte propria de embarque, pois o edificio, do lado sul, é batido pelas aguas do nosso formoso Te-

jo, o que é de uma grande vantagem para o estabelecimento—situado na Rua Valladares, ao Poço do Bispo—por facilitar a conducção dos seus productos para o mercado de Lisboa, ou d'aquelles de que carece para a sua laboração.

O nosso collega e consocio Pereira Rodriguez, da melhor vontade nos mostrou a fabrica, prestando-nos os devidos esclarecimentos, até aonde isso era possivel.

Bem sabia o illustre pharmaceutico que eramos incapazes de nos servir das informações, que podessem prejudicar a casa, em que tão amavelmente eramos recebidos; mas não estranhámos a sua reserva, em alguns casos, porque era própria do cargo que tão proficientemente exerce. Começámos a nossa visita, vendo o aparelho em que a casca de quina é convenientemente preparada, para ser submettida á acção de um soluto alcalino, e lá estava grande quantidade devidamente impregnada de soluto, e já no enxugadouro proprio.

Depois vimos as machinas hydro-extractoras, que estavam funcionando, e portanto extrahindo quinina.

Tambem vimos depositos de certa grandeza, onde o sulfato de quinina se separa da agua, já devidamente purificado; e daqui passa para vasos em que crystallisa.

Não poucos kilogrammas de sulfato de quinina havia nestas condições. Dos crystallisadores mudam-no para a estufa, que é bastante ampla, onde entrámos e estava bastante sulfato a seccar. Aqui, na estufa, encontrámos um modesto empregado, sr. Aurelio de Mattos, (que estava verificando se podia retirar-se o sulfato), que o nosso collega nos apresentou, como um habil preparador, e que é auxiliar valiosissimo, porque já havia trabalhado na antiga fabrica Luso-Africana.

Este prestante empregado, que era amigo do nosso collega Rodriguez, muito influiu para que elle fizesse ver aos proprietarios do Laboratorio, srs. José de Sousa Gomes Coelho e Silverio Antunes Ribeiro da Costa,

quanto credito adqueririam, não deixando morrer uma industria que muito os honraria e o paiz, porque é limitado o numero de fabricas de sulfato de quinina. A dos srs. Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup> parece-nos que é a setima.

O sr. Pereira Rodriguez sente-se feliz pelo apoio que os proprietarios da casa prestaram á sua ideia, comprando o machinismo da antiga sociedade Luso-Africana; e é tambem com muita satisfação que fazemos esta noticia, que mal traduz a boa impressão que nos ficou da visita que fizemos.

E' sabido que no mesmo Laboratorio se preparam muitos outros productos, como por exemplo sabonetes, mercurio, etc. etc., que muito honram o nosso consocio, e justificam a sua competencia e zelo no cargo que lhe está confiado.

F. DE CARVALHO.

---

## NECROLOGIA

### **Dr. Clemente Pinto**

Falleceu este illustre medico, reitor do Lyceu Central de Lisboa, e professor distinctissimo da Escola Medica do Porto.

No seu trato era muito agradável, como tivemos occasião de ver, quando, em 1902, na camara dos senhores deputados se discutiu o projecto de reforma de ensino pharmaceutico, de que o fallecido professor foi relator, e a quem por esta circumstancia, mais de uma vez fallámos.

Prestou bons serviços á nossa causa, por isto, e tambem pelas suas bellissimas qualidades, e ainda porque era um homem novo, é com muito sentimento que registamos a sua morte.

---



## PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 26 de Dezembro de 1906

Presidência do Sr. Francisco de Carvalho

Socios presentes: Srs. Francisco de Carvalho, Augusto Simões de Abreu, Aurelio Rego, Felipe Pereira de Mattos Miranda, Domingos Estanislau da Silva, Ernesto de Castro, Jayme José da Costa, Sebastião Victor Abreu e Silva, Ciryno da Silva, Armando de Campos Palermo, Francisco Carlos Costa, Gaspar Maria do Nascimento, Thebar de Oliveira, Mario Hugo da Costa Santos, José Pedro Estanislau da Silva, José Maria Soares Teixeira, Antonio Diniz de Abreu, Paschoal José de Moura, Mario Judice de Oliveira, Fausto Cardoso de Figueiredo, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus, João Francisco Tavares, Antonio da Silva e J. A. Cisneiros de Faria.

Não tendo podido comparecer o sr. João Mendes Carreiro, 1.º secretario, passou a exercer este cargo o sr. Cisneiros de Faria, 2.º secretario, sendo convidado Armando de Campos Palermo a desempenhar as funções de 2.º secretario.

Aberta a sessão, foi lida a acta da sessão de 28 de novembro de 1906, sendo approvada.

O sr. 1.º secretario leu a correspondência, na qual havia uma carta da viuva do fallecido collega dr. Joaquim José Alves, declarando que offerecia as obrigações que possuia da Casa da Sociedade, que opportunamente enviará, e duas medalhas que o nosso ex-consocio tinha obtido durante o seu curso de medecina na Belgica, pelos seus brilhantes trabalhos escolares.

Sobre esta carta fala o sr. José Pedro Estanislau da Silva, dizendo que tinha tambem recebido uma carta

da viuva do dr. J. J. Alves, em que lhe communicava o desejo de fazer a offerta, acima mencionada, á Sociedade, carta que tinha entregue ao continuo da Sociedade, para a entregar ao sr. Presidente. O sr. Francisco de Carvalho declara não ter ainda em seu poder a referida carta; mas que, tão depressa lhe viesse á mão, a mandaria archivar como valiosa lembrança.

A assembleia delibera, por unanimidade, agradecer á viuva do nosso inolvidavel collega a sua importante e significativa offerta.

São lidos officios da Sociedade de Geographia, Sociedade das Sciencias Medicas, Mealheiro das viugas e orphãos dos operarios, agradecendo o convite da Sociedade para se fazerem representar na sessão solemne anniversaria.

O sr. Presidente participa á assembleia que está doente o nosso collega sr. professor Antonio Carvalho da Fonseca, motivo porque não podia comparecer nesta sessão.

E', tambem, participado o fallecimento do nosso collega Emilio Agnello Ramos Rosa, approvando-se um voto de condolencias por tão infausto acontecimento, e resolvendo-se officiar á familia do fallecido, participando-lhe o sentimento da Sociedade pelo golpe que a atingiu.

O sr. Fausto de Figueiredo pede a palavra para apresentar uma proposta, que, depois de exposto o seu fim, é considerada urgente.

Esta proposta, que é largamente fundamentada, vem assignada pelos nossos collegas J. da Costa Gomes, Armando Humberto Camacho Rodrigues, Antonio João Rosa, José Francisco Mendes, Mourato Vermelho, Fausto Cardoso de Figueiredo, Paschoal José de Moura, Alberto da Costa Veiga, Bernardo Dias, Antonio José Paiva Nogueira, Joaquim José Vieira da Fonseca Junior, João Augusto Bezelga, Candido A. da Encar-

nação Santos, Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles, Luiz Pinto Leão d'Oliveira, Caetano José da Silva, Mattos Miranda, Thebar d'Oliveira, Eduardo da Cunha Serão, Antonio Bento Coelho de Jesus, Rodrigues da Silva Ramos e Manoel Vicente Serrano.

N'esta proposta pedem os signatarios o auxilio e esforço da Sociedade Pharmaceutica, junto das instancias superiores, afim de ser feita justiça ao nosso collega Silverio Mendes Marques Couceiro, que depois de ter arrostado com o insalubre clima da Guiné, arruinando a sua saude no desempenho da sua profissão e em serviço official, foi exonerado do seu logar, por incapaz de todo o serviço activo, vendo-se o nosso collega n'uma lucta sem treguas com a miseria, como premio da sua abnegação no desempenho dos seus deveres sociaes.

Os signatarios, condoidos do nosso collega, pedem á Sociedade Pharmaceutica Luzitana que envide todos os seus esforços para que seja dada meia reforma e os vencimentos em divida, desde a data da sua exoneração, ao nosso desditoso collega, afirmando assim mais uma vez, a sua nobre missão em prol da classe pharmaceutica.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

E' lido um officio, de uma commissão da Liga Nacional Contra a Tuberculose, participando a sua constituição, para levar a effeito uma Exposição de Hygiene, por occasião do IV Congresso da Liga Nacional Contra os Tuberculosos, que se realisará de 4 a 9 de Abril de 1907, e pedindo a coadjuvação da Sociedade para aquelle effeito.

Pede a palavra Armando de Campos Palermo, que faz a seguinte consulta á Sociedade:

1.º

Que quantidade de iodeto mercurico é preciso para saturar 10 gram. de azeite esterilizado, e quaes os cui-

dados e condições em que se pôde fazer essa saturação?

2.º

Ha alguma incompatibilidade entre o soluto de tartrato de potassio e de ferro e o Licôr de Fowler? Se ha, de que natureza é?

3.º

Que processo se deve seguir para a esterilisação dos solutos d'ergótino, sem prejuizo das suas propriedades physiologicas?

4.º

Qual o melhor processo de esterilisar solutos aquosos de cacodylato de gayacol, sem que se decomponham?

5.º

Que processo se deve empregar para a esterilisação de empolas de chloreto mercurico, motivo por que se devem esterilisar as empolas d'aquelle anti-septico, e justificação de preferencia do processo indicado?

O consulente pede que as comissões deem os seus pareceres, á maneira que torem concluindo o trabalho, sobre qualquer dos quesitos.

O sr. Presidente declara que vae mandar a consulta para a comissão de chimica, ficando resolvido que esta, peça o auxilio da comissão de pharmacia, nos pontos que forem de sua competencia.

Passa-se á ordem da noite. Eleição dos corpos gerentes da Sociedade, para o proximo anno de 1907.

O resultado da eleição foi o seguinte:

1.º

Presidente

João Mendes Carreiro . . . . . 23 votos (eleito)  
 José Pedro Estanislau da Silva.. 1 voto

Vice Presidente

José Pedro Estanislau da Silva.. 22 votos (eleito)  
 Silva Machado..... 1 voto  
 Augusto Simões d'Abreu..... 1 »  
 João Mendes Carreiro..... 1 »

2.º

1.º Secretario

Ernesto da Rocha e Castro..... 22 votos (eleito)  
 Fernando Mendes Pereira..... 1 voto

2.º Secretario

Armando de Campos Palermo.. 23 votos (eleito)  
 Fernando Mendes Pereira..... 1 voto  
 João Francisco de Jesus..... 1 »

1.º Vice-Secretario

Fausto Cardoso de Figueiredo.. 22 votos (eleito)

2.º Vice-Secretario

José Bento d'Almeida..... 24 votos (eleito)

3.º

Thesoureiro

Antonino Alves Barata..... 25 votos (eleito)

Vice-thesoureiro

Luiz Pinto Leão d'Oliveira..... 24 votos (eleito)

Centro de Documentação Farmacêutica  
 da Ordem dos Farmacêuticos

## Bibliothecario-Archivista

José Maria Soares Teixeira. . . . . 24 votos (eleito)

## Vice-Bibliothecario-Archivista

Domingos Estanislau da Silva . . . . . 24 votos (eleito)

4.º

## Commissão de chimica

- 1.º operador: Antonio Carvalho  
da Fonseca . . . . . 24 votos (eleito)
- 2.º operador: Raul Lupi Nogueira 24 » (eleito)
- Fernando Mendes Pereira . . . . . 1 voto
- 3.º operador: José Allemão de  
Mendonça C. de Faria . . . . . 23 votos (eleito)

## Substituto

Jayme da Costa Tavares . . . . . 24 votos (eleito)

5.º

## Commissão de Pharmacia

- Filippe Pereira de M. Miranda.. 21 votos (eleito)
- Ernesto da Rocha e Castro . . . . . 19 » (eleito)
- Manoel Adriano M. Vermelho . . . . . 23 » (eleito)
- Jayme José da Costa . . . . . 1 voto
- Fernando Mendes Pereira . . . . . 1 »
- João Francisco de Jesus . . . . . 1 »

## Substituto

Aurelio Leonardo do Rego . . . . . 23 votos (eleito)

6.º

## Commissão de Redacção

- Francisco de Carvalho . . . . . 21 votos (eleito)
- Fernando Mendes Pereira . . . . . 22 » (eleito)

João Mendes Carreiro.....	21	»	(eleito)
Fausto de Figueiredo.....	1	voto	
Mourato Vermelho.....	1	»	
Jayme José da Costa.....	1	»	

## Substituto

Gaspar Maria do Nascimento.... 23 votos (eleito)

Terminada a eleição pede a palavra o sr. Francisco de Jesus, afim de expôr um estudo seu sobre o Licôr Arsenical de Fowler.

O sr. Presidente observa ao sr. Francisco de Jesus que tinha sido dado para ordem da noite a eleição dos corpos gerentes, e que s. ex.<sup>a</sup> podia ter falado antes da ordem da noite, como fizeram outros collegas, se tivesse vindo mais cedo, não se oppondo, comtudo, a que falasse, desde que a assembléa assim o entendesse.

Foi consultada a assembléa sobre se podia falar o sr. Francisco de Jesus, e o seu parecer foi favoravel ao nosso collega.

O sr. Francisco de Jesus faz umas ligeiras observações sobre a orientação que a Sociedade Pharmaceutica deve tomar, para tornar a classe pharmaceutica mais unida e obter mais proficuo resultado do seu trabalho. Em seguida faz uma larga exposição do seu estudo sobre o licôr de Fowler, citando estudos feitos sobre aquelle preparado pharmaceutico em diferentes nações, não sendo possivel aqui dar rigorosamente a noticia sobre tudo o que disse o nosso collega, por ser difficilmo acompanhá-lo no seu discurso; mas foi convidado pelo sr. Presidente a mandar, por escripto, á Sociedade o resultado dos seus estudos sobre o referido medicamento.

A'cerca deste assumpto usou da palavra Campos Palermo, que pediu algumas explicações ao consocio Francisco de Jesus sobre a differença de propriedades phy-

sicas e chímicas entre o anhydrido arsenioso, vitrico e o porcellanico, respondendo o nosso collega que só tinha visto como esses anhydridos se comportavam no caso da manipulação do Licôr de Fowler.

Encerrou se a sessão ás 11 1/2 da noite.

Pelo 2.º secretario.

ARMANDO DE CAMPOS PALEIMO.

---

## CHIMICA

**O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia**

*(Continuado da pag. 40)*

Um dos membros do jury d'este concurso, que parece, que vae tendo pouco agradaveis impressões das consequencias produzidas, veio deffender a honra do convento, querendo provar que não houve combinação de frades com freiras, para o que ameaça fazer cousas extraordinarias, *dôa a quem doer.*

Começa a sua defeza em termos que lhe são proprios, e já muito conhecidos, tornando obscuro, complicado, difficil de perceber, o que expõe. Costume antigo.

Por estas poucas palavras e pelo conhecimento que os leitores tem das pessoas que faziam parte do jury, logo todos põem o dedo no sr. Emilio Fragoso; e alguns até já terão dito, que o presidente do jury, grande amigo do sr. Fragoso, o foi chamar para fazer parte do jury, com o fim d'es'te vir depois quebrar lanças em defeza da obra que se havia de levar a effeito. Isto sem malevolencia...

Vamos dizer alguma cousa sobre a desastrosa justi-



ficação d'esse membro do jury, que em vez de se defender se culpa mais e a seus companheiros.

O sr. Emilio Fragoso tendo falta de argumentos capazes para defender o jury, deturpa o que eu escrevi, transcrevendo trechos, que dependem d'outros, para reproduzirem o sentido do auctor, que d'aquella fórma ficam incompletos e incompreensíveis. Outros, ainda, escreve-os completamente de fórma differente á que eu escrevi.

Será uma rabulice admissivel nos periodicos politicos, mas acho tal procedimento desleal e, portanto, pouco proprio, em questões scientificas.

Provarei, como de costume, o que digo.

Transcreve o sr. Fragoso o seguinte trecho :

«Os pontos de chimica foram patentes aos concorrentes 20 dias antes do 1.º dia de provas.»

Mas não transcreve a parte onde digo que, os pontos de pharmacotechnia que os senhores tinham tirado d'um formulario da Santa Casa, que ainda não tinha sido distribuido aos pharmaceuticos fornecedores, e da existencia do qual a maioria dos concorrentes não sabia, o qual foi dado a alguns por empenhocas, não foram conhecidos senão na occasião; isto é, só se conheceram os que sahiram. E como o sr. Fragoso me obriga a ser mais franco e a expôr melhor os factos direi ainda, claramente, que o programma trouxe os pontos com taes disposições, embora não indicasse quaes das provas seriam tidas em maior consideração, porque os pharmaceuticos, que se queria que ficassem, não estavam aptos a executar os trabalhos de chimica, sem um espaço grande de tempo, que os habilitasse a isso, ao passo que os de galão branco os iriam fazer sem difficuldade.

Com as provas de pharmacotechnia succedia o contrario. Havia probabilidades dos de galão branco as não executarem com tanta facilidade porque, segundo a opi-

não do sr. Fragoso, aquella classe não dá profissionaes. Tudo para este homem é tão imperfeito!

Ora aqui tem o que o seu procedimento, me obrigou a dizer.

O sr. Fragoso bem vê que tudo isso não pode ser traduzido pelo trecho que transcreveu, e que o sentido era completamente diferente, como se deprehendia da leitura do trecho, com os seus complementos.

Outro ponto importante da deteza do *empergaminhado* collega, com sua licença, é afirmar que tinha sido amavel para com certos concorrentes, dizendo no seu jornal que estes, não obstante terem apresentado melhor documentação, foram preteridos por que o concurso era de provas praticas!!!

O senhor Fragoso chama a isto amabilidades, mas eu chamo-lhe uma exautoração. Mais valia calar-se do que dizer amabilidades d'estas, porque se tornava mais amavel.

A sciencia dos concorrentes, com mais documentos de valor scientifico, e entre elles o tal de grandes doctes d'intelligencia e saber, está nos papeis...

Isso é bom para *jornalistas*.

O sr. Fragoso sabe bem que o collega Abilio Frazão já deu provas publicas da sua competencia profissional em concurso, incomparavelmente mais importante do que este, e foi mais classificado, do que o foi agora, para aviar o 315 e o 318 do formulario da Santa Casa.

Com relação ao superior que foi bater á porta de um jornal e lh'a fecharam, é simplesmente falso.

O que esse superior póde provar ao sr. Fragoso, é que tinha mais do que um jornal, para tratar da questão, mas que não os quiz utilizar, por motivos que direi, e entre aquelles está a gazeta de pharmacia.

Os collegas hão de achar graça a isto: mas é um facto ter-me um collega de toda a probidade, da intimidade do sr. Fragoso e da minha, participado que o

mesmo sr. Fragoso lhe dissera que tinha o seu jornal á disposição de quem quizesse escrever alguma coisa com relação ao concurso...

Da minha critica ás provas do primeiro grupo tira o sr. Fragoso as seguintes conclusões:

1.º Que os concorrentes precisavam palmatoria (no fim de tudo isto ainda pancada!...) por não terem titulado os solutos graduados.

Ora palmatoria e umas orelhas de papelão, precisava o sr. Fragoso em dizer uma coisa d'estas.

Eu pergunto-lhe, qual é mais importante em analyse, a verificação d'um soluto titulado ou a verificação da pureza dos reagentes com que se trabalha?

E algum dos concorrentes fez essa verificação, incluindo o meu collega e amigo Mario Judice d'Oliveira?

Além da dosagem do Oxygenio activo da  $O^2H^2$ , tinham os concorrentes do 1.º grupo de lhe procurar as impurezas, fazer as reacções características e o relatório, em que naturalmente implicava um calculo para a determinação dos volumes de O.

Se o jury queria que os concorrentes fizessem os solutos titulados dissesse isso e não lh'os fornecesse.

E' assim que se faz em toda a parte.

Na 2.ª conclusão, diz o sr. Fragoso que eu escrevi *que um dos candidatos fóra perguntar a um dos membros do jury, se a galheta de Mohr, que pediu e lhe deram, estava graduada até á torneira!*... e accrescenta o sr. Fragoso — como se tal pergunta devêsse fazer-se, etc.

Eu não escrevi isso, leia melhor. O que eu escrevi, foi isto:

Que o collega Frazão tinha deixado que o liquido se esvasiasse por completo.

N'esta altura, e quando Abilio Frazão se dispunha a tornar a encher a galheta, visto ainda se não ter dado a viragem no copo onde estava a  $O^2H^2$ , um dos can-

didatos dirigindo-se ao vogal Silva Machado, perguntou-lhe se as galhetas da casa eram graduadas até á torneira; e não escrevi a galheta que pediu e lhe deram, o que já muda todo o sentido, porque quem disse isto ao sr. Machado foi um dos candidatos que não estava prestando provas, para lhe chamar a attenção, para o que o concorrente Frazão acabava de fazer, visto estar todo o jury distraído, pensando talvez no final das bodas.

O sr. Fragozo diz que eu entérro os concorrentes, ao passo que o digno membro do jury lhes quer dar palmatoadas; mas eu sou obrigado a apontar todos os erros que sei, assim como as correções de trabalho, para ser imparcial e para se estabelecerem depois parallelos

O sr. Emilio Fragozo queria que dissésse que andavam todos bem, menos o sr. Oliveira, quando eu não costumo levantar questões, que me sejam pouco proprias, nem tão pouco deprimir qualquer concorrente, porque vi em todos, collegas probos e trabalhadores.

Quem andou peor no concurso foi o jury, do principio ao fim, como estou provando e continuarei a provar. O que aqui escrevo é com o assentimento de todos os concorrentes, porque, certamente, até os preferidos me acompanham em sua consciencia?!

— Não duvidámos.

Passo a agradecer ao sr. Fragozo ter tido a lembrança de me responder, porque muito me coadjuva no trabalho de pôr bem a descoberto a farçada deste concurso, que, aliáz, é a imagem e semelhança da maioria d'elles.

Uma das cousas que o sr. Fragozo traz em meu auxilio é a copia exacta do programma.

Uma das condicções do concurso é a seguinte:

Para a prova do ensaio de medicamentos, todos os candidatos deverão comparecer no local indicado, pelas

12 horas da *manhã* do dia 2 de Novembro, onde aquelle que pela ordem alphabetica ficar em primeiro lugar, tirará á sorte um dos dez seguintes pontos, *o qual todos immediatamente executarão* procedendo ao ensaio com relação, apenas á pesquisa das substancias que geralmente inquinam o medicamento etc.

Esta disposição foi letra morta, e a sua alteração fez tomar ao concurso um rumo completamente opposto.

A dita disposição do programma, visava nitidamente, a que todos os concorrentes executassem a mesma prova de chimica, para assim se fazer um confronto entre as aptidões, reveladas pelos concorrentes, n'uma operação chimica igual.

Não se importou o jury com o programma, e entendeu dividir os concorrentes em 4 grupos, promovendo assim 4 trabalhos de chimica differentes, de fôrma a estabelecer a confusão nas apreciações, por os trabalhos serem muito differentes no seu valor.

Que responderá o collega de *berrantès galões* a isto?

Naturalmente que os concorrentes eram muitos e se não podiam vigiar bem os seus trabalhos.

E' isto que me consta, que tem dito o jury.

Fraca desculpa, para escangalhar um programma tão desalmadamente.

Na Misericordia esperavam que concorressem mais de 50 pharmaceuticos, concorreram apenas 11, por ter constado que o logar já estava dado, e o jury achou muitos os concorrentes !!!...

Se esperando tanta gente se fez aquelle programma, com tão pequeno numero melhor o podiam cumprir.

—Não foi o programma alterado pelo jury só nesta parte. Foi-o em toda a linha.

Assim, as provas praticas de pharmacotechnia deveriam começar a ser prestadas no dia 26 e seguintes, por grupos de 2 candidatos.

Nestas provas entraram os candidatos em 2 grupos de 3 e um de 4, portanto, formaram 3 grupos.

Nas provas que o programma mandava executar ao mesmo tempo houve 4 grupos, e nas que mandava fazer em grupos de 2 organisaram 3 apenas.

E isto é gente que diz ter feito justiça.

Basta o respeito que houve pelo programma para se avaliar o résto.

Era melhor acabar com estes concursos, para evitar os sacrificios pecuniaros e de trabalho que o estudo acarreta, e haver escolas para ensinar a arranjar empenhos, a adular vaidades, e a captar sympathias pelos processos mais aperfeiçoados.

Emquanto á pilula que o sr. Fragoso tem na garganta, por haver pharmaceuticos a que denomina de galão branco, dir-lhe-hei que foi um dos taes de galão branco que preparou, em aproximadamente 20 dias, os dois pharmaceuticos que estão na Misericordia, para irem ao concurso, e que fizeram pasmar V. Ex.<sup>a</sup> pela competencia que mostraram; e que são exclusivamente os pharmaceuticos de galão branco que teem lecionado os alumnos de pharmacia, desde que os exames estão mais difficeis, alcançando por vezes triumphos; e foi ainda a este seu creado, de galão branco e dos mais obscuros, que se dirigiam alguns dos concorrentes para os preparar a lá ir, o que não fez por tambem concorrer, e teria sido mais uma graça, se me tivesse prestado a isso, vêr os meus discipulos mais classificados do que eu.

Emfim, a Deus nada é impossivel, e o sr. Fragoso, que é deista, sabe-o bem.

Vendo me obrigado a responder ao artigo do sr. Fragoso, publicado na Gazeta de Pharmacia, julgo te-lo feito de modo a destruir quanto n'elle affirmava, e desculpe o habil collega esta refrega, mas não é só prégar moralidade, é preciso tambem pratica-la.

Pelo seu artigo, sobre o regulamento de serviços pharmaceuticos da Misericordia, vejo que está alguma cousa penitenciado da irreflexão que teve, mas isto é preciso haver muito cuidado, principalmente da parte de quem se colloca em evidencia.

Estimo as suas melhoras, e até breve.

No proximo artigo continuarei descrevendo os trabalhos do concurso, na sua parte scientifica, para não tornar a questão interminavel.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

## PHARMACIA

### **Esterilisação da mucilagem de gomma arabica (<sup>1</sup>) — Bühner**

Todas as pharmacopeias fazem preparar a mucilagem de gomma arabica dissolvendo a gomma a frio na agua. Ora a mucilagem assim obtida é muito alteravel e azéda rapidamente; é o que se observa no julepo gommoso, que toma depressa um mau gosto. Para pôr em evidencia esta alteração, basta expôr, durante algumas horas, uma mistura d'agua de flôres de laranjeira com mucilagem de gomma arabica; o liquido torna-se absolutamente inodoro.

Esta alterabilidade é devida a oxidase — que contém todas as gomas arabicas, oxidase que se caracteriza facilmente por meio da tinctura de guaiaco, recentemente preparada, que toma côr asulada.

A mucilagem perde a sua alterabilidade logo que é aquecida; a duração da acção do calôr varia segundo as gomas, mas gomma alguma contém oxidase capaz de resistir a um calor prolongado durante meia hora.

(<sup>1</sup>) Journal suisse de pharmacie.

Com a mucilagem aquecida, não se observam as incompatibilidades apontadas, e a agua de flôres de la ranjeira adicionada de mucilagem conserva o seu cheiro.

A mucilagem esterilizada torna-se opalescente, mas, como é menos viscosa, filtra-se muito facilmente; o *filtratum* é menos turvo, mas conserva ainda uma ligeira opalescencia.

---

**Preparação rápida do elixir parégorico  
por Forget (1)**

Para se preparar o elixir parégorico, sem a demora de muitos dias, como indicam os formularios, tomem-se as proporções do acido benzoico, essencia d'aniz e camphora prescriptas, e façam-se dissolver em 390 gr.<sup>s</sup> d'alcool a 90.º; d'outro lado dissolvam-se a quente 3 gr.<sup>s</sup> de extracto d'opio em 260 gr.<sup>s</sup> d'agua distillada; junte-se este ultimo soluto á solução alcoolica; deixe-se esfriar e filtre-se. Esta preparação conserva-se sem deposito algum.

G. NASGIMENTO.

---

**BIBLIOGRAPHIA**

**Formulario dos medicamentos novos**

H. Bocquillon-Limousin, doutor em pharmacia, pela Universidade de Paris, publicou, para 1907, o seu formulario de medicamentos novos, que na verdade está escripto com bastante concisão e clareza. Contém esclarecimentos muito uteis, sobre os medicamentos introduzidos recentemente na therapeutica, sem que es-

---

(1) Repertoire de Pharmacie.



queça os productos importantes descobertos nos annos anteriores, que tambem regista e trata devidamente.

Relativo a todos elles, expõe tão completamente, quanto isso é possivel num formulario, tudo o que convém saber: synomyia, descripção, composição, acção physiologica, propriedades therapeuticas, modo de emprego e doses.

E', pois, um livro util, que continúa a manter os creditos adquiridos, e já muito conhecido entre nós.

---

## VARIEDADES

---

### ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 220, nov. de 1906)

N. 5

**Apontamentos biographicos sobre ROBERTO DUARTE SILVA, publicados na Revista Intellectual Contemporanea, sob o titulo—Um sabio portuguez, ROBERTO DUARTE SILVA—e transcripto no Jornal da Sociedade pharmaceutica lusitana de maio de 1888**

Entre os portuguezes que, por assinalado merito e por importantes trabalhos scientificos, honram a patria e não a deixam entre estranhos esquecida e ignorada, citaremos o nosso illustre chimico e celebrado professor parisiense o sr. ROBERTO DUARTE SILVA.

Não pretendendo fazer uma biographia d'este nosso illustre compatriota, porque nos escasseiam elementos para isso, limitamo-nos a alguns apontamentos, ha pouco obtidos de um amigo e collaborador nosso.

Nasceu o sr. ROBERTO DUARTE SILVA em 25 de febreiro de 1837, na villa da Ribeira Grande, ilha de Santo Antão, sendo seus paes os srs. Francisco José Duarte e D. Mathilde Rosa Silva.

Tinha o nosso distinctissimo patricio dez annos, quando o seu pae o entregou á direcção de um habil pharmaceutico, recentemente estabelecido em Santo Antão, para praticar na sua pharmacia.

Esse homem honrado e bondoso, que tanta influencia devia ter na vida do futuro chimico, era Antonio Gonçalves de Almeida Rhino.

Logo se distinguio o novel praticante por um incansavel desejo de saber, e um aturado amor ao estudo e, apesar da sua tenra idade, por relevantes serviços prestados durante uma epidemia.

Almeida Rhino, que presentia um brilhante futuro para o seu protegido, mandou-o estudar a Portugal (1854). Esta viagem satisfazia decerto uma das muitas aspirações do estudioso mancebo, retemperava-o de forças e de coragem para continuar na sua carreira, depois do credulissimo golpe que o ferira profundamente, a morte de seu pae.

Chegado a Lisboa, ROBERTO SILVA residiu na pharmacia da viuva Rhino, e seguiu os seus estudos theoreticos debaixo da direcção do conhecido pharmaceutico João José de Sousa Telles.

Um anno apenas, depois de sair de Santo Antão, falleceu alli o seu protector que o não esquecerá, contribuindo — *post-mortem* — para a continuação dos seus estudos, como ultima lembrança de amizade.

Depois de estudar ainda na pharmacia dos srs. Antonio Feliciano Alves d'Azevedo & Filhos, fez com distincção em 1858 (1), o seu exame pharmaceutico, merecendo os louvores do jury, no acto do exame.

Se, porém, uma carreira honrada e um futuro certo sorriam ao distincto moço, era ferido de novo, no mais das suas affeições, pelo fallecimento de sua mãe, que

---

(1) Foi approvedo com louvor no exame de pharmacia em 21 de março de 1857.

uma epidemia de cholera, dizimando a gente de Santo Antão, ceifara longe d'elle.

Vamos agora encontrar o nosso biographado em Macau, onde se demora tres annos, e em seguida estabelecido em Hong-Kong, de sociedade com um medico francez. Ahi, se um desmedido trabalho lhe permittiu adquirir uma pequena fortuna, uma pertinaz doenca, filha do mesmo trabalho, obriga-o dois annos depois, em 1862, a regressar a Portugal.

Na China, ROBERTO DUARTE SILVA adquiriu muitos amigos entre os francezes que andavam n'esse tempo em Hong-Kong e, por instancias de alguns d'elles, passou a Franca, pouco tempo depois da sua chegada a Portugal.

Em Paris, n'esse grande centro onde tanto abundam os meios de instrucção e de aperfeiçoamento, ROBERTO DUARTE SILVA prosegue com ardor nos seus estudos favoritos. Estuda com WURTZ, LANGLEBERT e DORVAULT, adquirindo geral estima e muita consideração como homem de sciencia e de futuro. Nada é capaz de desviar o illustre moço dos seus estudos predilectos — nem os seus negocios particulares, nem a perda de uma parte das suas economias, sepultadas nos azares d'uma casa de commercio ingleza. Em breve obtem o grau de licenciado em sciencias, e pouco depois é nomeado chefe dos trabalhos de analyse chimica da Escola de artes e manufacturas, e professor da cadeira de chimica e physica industriaes da municipalidade de Paris. Desde então a sua carreira scientifica, como professor e como chimico, tem sido das mais distinctas.

Como professor, tem a palavra extremamente facil e sempre correcta, tornando-se notavel a sua facilidade de allocução elegante e graciosa. Como chimico, entregamos a sua apreciação ao distinctissimo sabio francez o sr. TROOST que, n'um parecer lido á Academia das sciencias de França e publicado nos seus *Comptes-ren-*

de 21 de dezembro de 1885, declara o seguinte:  
(Segue o relatorio inserido no doc. n.º 3)

Foi em Paris, no decurso dos seus trabalhos, que uma violenta explosão fez perder ao illustre experimentador o uso de um olho.

Os francezes têm distinguido o nosso compatriota: è membro da Sociedade chimica de Paris e da Sociedade franceza para o adiantamento das sciencias.

A patria tambem não o tem esquecido; é socio correspondente da Academia Real das Sciencias e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Ha dias foi agraciado com o grau de commendador da Ordem de S. Thiago.

Das suas qualidades particulares diremos que, como filho, era a gloria e satisfação de seus paes, que teve a infelicidade de perder tão cedo, mantendo-se intacto o culto e respeito pela sua memoria; como irmão foi sempre dedicado e extremoso, devendo-lhe a educação o sr. Antonio Duarte Silva, hoje distincto pharmaceutico em S. Vicente.

Como homem distingue-se pela sua honradez e probidade de character, pelo seu trato agradável, e pelo tom variado da sua conversação insinuante e instructiva, reflexo de uma brilhante intelligencia e de uma solida instrucção.

E, com todos estes distinctissimos dotes e qualidades, affirma o sr. R. D. SILVA um talento de primeira grandeza, um trabalho constante e meritissimo, um coração limpo e uma consciencia de homem de bem (1).

(*Revista intellectual contemporanea*, n.º 6, pagg. 46 a 48; publicação adstricta ao jornal *O interesse publico*, 1886).

(*Continua*).

---

(1) E' tambem auctor d'este artigo o mesmo prof. dr. José JULIO RODRIGUES.

## JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes &amp; Filhos

*Rua do Ouro, 58 — Lisboa*

## PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 8 de Janeiro de 1907

Presidencia dos Srs. Francisco de Carvalho e João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, Armando de Campos Palermo, Gaspar Maria do Nascimento, Ernesto de Castro, José Pedro E. da Silva, José Bento de Almeida, Arthur Lima Grijó, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa e Joaquim Vieira da Fonseca Junior.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 26 de dezembro de 1906.

Em seguida, o antigo Presidente, sr. Francisco de Carvalho, declarou que ao deixar o logar devia agradecer aos srs. secretarios, que faziam parte da Mesa, a cooperação leal, e provas de amizade que sempre lhe deram; e que, por isso, era com saudade que se despedia de s. ex.<sup>as</sup>, que podiam sempre contar com a sua estima, assim como a Sociedade podia contar com a dedicação de tão illustres membros.

Que agradecia igualmente aos seus amigos a lembrança que tiveram de querer reelege-lo; mas as suas muitas obrigações actuaes, não lhe permittiam aceitar

mais do que o cargo de director da Commissão de Redacção.

Que estaria eleito Presidente o sr. José Pedro Estanislau da Silva, que tão inteligentemente tem exercido o cargo de Vice-Presidente, se s. ex.<sup>a</sup> attendendo ao seu estado de saude, não tivesse affirmado que só accetteria o cargo de Vice-Presidente.

Não sendo possivel demovel-o do seu proposito, estava naturalmente indicado o sr. 1.<sup>o</sup> secretario, que pelo seu character, intelligencia e amor á Sociedade, tão bem pôde exercer o cargo de Presidente. Que, porém, allegando as suas obrigações, não queria ser eleito, e indicou quem, pelos seus relevantes serviços e saber, deveria exercer tão elevado cargo na Sociedade; mas os seus amigos, que são todos que o conhecem, não attenderam ao seu desejo, e unanimemente o elegeram, o que foi para s. ex.<sup>a</sup> uma surpresa, que não podendo, felizmente, allegar falta de saude, e sendo dedicado á Sociedade, attendeu aos rogos que se lhe dirigiram, e por isso era com muita satisfação que ia entregar-lhe o logar.

A seguir, o sr. João Mendes Carreiro, toma posse do cargo, assim como os de mais funcionarios, agradecendo a prova de consideração e de confiança que lhe haviam dado, que o obrigava a assumir a presidencia, e que faria por corresponder aos desejos da Sociedade pugnando pelos seus direitos.

O sr. Arthur Lima Grijó referiu-se a algumas irregularidades, praticadas no exercicio da pharmacia, offensivas dos nossos direitos, para o que chamou a attenção da Sociedade. Na ordem da noite foi approvada uma proposta do sr. Francisco de Jesus e por este motivo proclamado socio effectivo o sr. Arnaldo Germano de Freitas.

Ainda fallaram sobre uma communicação do sr. Francisco de Jesus, os srs. Jayme Costa, Francisco de

Carvalho, Estanislau da Silva e Campos Palermo.

Como fossem 11 horas e meia da noite, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O 2.º secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

### Sessão de 29 de Janeiro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Luiz Seabra Lopes, Armando de Campos Palermo, Paschoal José de Moura, José Maria Soares Teixeira, Emygdio Gonçalves de Azevedo, Antonio Carvalho da Fonseca, João Francisco de Jesus e José Pedro E. da Silva.

Não tendo podido comparecer o 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, o sr. Presidente convidou o sr. Luiz Seabra Lopes a exercer as funcções de 1.º secretario.

Foi lida a acta da sessão anterior (de 8 de Janeiro), pelo 2.º secretario, sendo approvada.

Em seguida o sr. 1.º secretario leu a correspondencia, na qual estava uma carta do nosso collega sr. Cosme Cardoso e Souza, de Maiorca, Figueira da Foz, em que pede providencias á Sociedade, sobre abusos que se dão no exercicio da pharmacia, em alguns estabelecimentos que menciona.

Depois de varios socios terem falado acerca do assumpto, e se ter visto, que embora justas as reclamações do nosso collega, ellas são a repercursão do que vae pelo paiz fóra, resolveu-se officiar-lhe communicando que ha probabilidades de ser approvada uma lei de exercicio profissional, a qual porá termo aos abusos de que, infelizmente, a classe ha muito está sendo victima.

O sr. Presidente propõe um voto de sentimento pelo

fallecimento do nosso collega Philippe Meyrelles, irmão do nosso consocio sr. João Meyrelles, que foi approvedo por unanimidade; e participou que a Mesa representou a Sociedade no funeral.

Ainda o sr. Presidente informa que o sr. Freitas não accitou o diploma, por não ver nelle o seu nome exacto, quando foi passado exactamente como indica a proposta, resolvendo a Sociedade que fosse archivado.

O sr. José Maria Soares Teixeira propôz tambem um voto de sentimento pelo fallecimento do nosso distincto collega dr. Francisco Ferraz de Macedo. Foi approvedo por unanimidade.

O sr. professor Carvalho da Fonseca lamenta não ter podido comparecer na sessão, em que se procedeu á eleição dos corpos gerentes, pois desejava tambem votar nos collegas que foram eleitos, pedindo para ser exarada na acta esta sua declaração.

O sr. Francisco de Jesus diz ter lido num jornal inglez, que todas as nações tinham entrado n'um accordo internacional, sobre as fórmulas pharmaceuticas, em que deveriam entrar as substancias activas, menos Portugal.

Que esta questão foi levantada pela classe pharmaceutica de diversas nações, e todas ellas deram o seu parecer menos a nossa, lamentando esse facto.

Campos Palermo responde que os inglezes não tem razão nenhuma para nos accusar, pois não recebemos convite de especie alguma, nem sabemos se o governo o recebeu; mas, se o recebeu, é d'elle a culpa, e não dos pharmaceuticos portuguezes; continuando no uso da palavra, diz ter lido o trabalho do sr. Francisco de Jesus sobre o xarope de manná e Licor de Fowler, e que encontrou n'elle varias falhas e erros, o que attribue á rapidez com que o trabalho parece ter sido feito.

O sr. Francisco de Jesus tomou nota dos reparos feitos por Campos Palermo e levou o seu trabalho para o modificar.



Passa-se á ordem da noite: Propostas e pareceres de commissões.

Tiveram 1.<sup>a</sup> leitura duas propostas para socios correspondentes, respectivamente assignadas pelos srs. Manuel C. Rocha e Francisco de Carvalho.

O sr. Carvalho da Fonseca lê o parecer da Commissão de chimica, sobre uma amostra de sulfato de quinina, que tinha sido enviada pela casa Ribeiro da Costa & C.<sup>a</sup>, apurando-se do trabalho da Commissão que o sulfato de quinina era chimicamente puro. Este parecer foi declarado urgente, por isso entrou logo em discussão, sendo approved por unanimidade.

O sr. Carvalho da Fonseca respondeu tambem, mas vocalmente, sobre as seguintes consultas, que tinham sido feitas por Campos Palermo:

1.<sup>o</sup>

Que quantidade de  $P^{2}Hg$  é precisa para saturar 10 grammas d'azeite esterilizado, e quaes os cuidados e circumstancias em que se póde fazer essa saturação? Entre o iodeto mercurico e o azeite haverá alguma combinação ou será simplesmente uma mistura por solução?

2.<sup>o</sup>

Ha alguma incompatibilidade chimica entre o soluto de tartarato de potassio e ferro e o licôr arsenical de Fowler? Se ha, de que natureza é?

Campos Palermo respondeu ao sr. professor Carvalho da Fonseca que considerava insufficientes os trabalhos feitos, para concluir que entre o iodeto mercurico e o azeite não havia combinação chimica; e não concordou que a quantidade de iodeto mercurico ( $0,67$ ) que o sr. professor Carvalho da Fonseca diz ser o maximo que 100 gr. d'azeite dissolvem, na temperatura que julga mais conveniente, que é de  $60^{\circ}$ , seja essa na

realidade, pois já dissolveu muito mais que essa quantidade.

Sendo já muito adiantada a hora não poudo continuar a responder ao sr. Carvalho da Fonseca.

Encerrou-se a sessão ás 12<sup>h</sup> e 10' da noite.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

### Sessão de 26 de Fevereiro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Joaquim Maria Correia, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho, Antonio Carvalho da Fonseca, José Maria Soares Teixeira, Luiz José Botelho Seabra Lopes, João Francisco de Jesus, Manoel Adriano Mourato e José Nunes

Não tendo comparecido o 1.º secretario sr. Rocha e Castro, foi convidado a occupar esse lugar o sr. João Maria Corrêa.

Foi lida a acta da sessão de 29 de janeiro de 1907, pedindo a palavra sobre ella o sr. professor Carvalho da Fonseca, para dizer que julgava não estarem bem explicitas as declarações ou apreciações que havia feito acerca d'uma consulta, que tinha sido dirigida á commissão de chimica: approvou-se a acta sem modificação, depois do 2.º secretario ter mostrado que, o que estava na acta, era exactamente o que o sr. Carvalho da Fonseca tinha dito, e que portanto, s. ex.<sup>a</sup> se havia equivocado.

O 1.º secretario leu a correspondencia, na qual estava um officio, em que se pedia a intervenção da Sociedade, numa arrematação de medicamentos por

preços muito diferentes dos que são estipulados por lei, facto que se deu em Macau.

Falaram sobre este assumpto varios socios, ficando resolvido officiar-se ao nosso collega, informando-o de que a Sociedade espera ver aquelle e outros casos remediados, com uma lei que regule, e que faça, portanto, cumprir com rigor o exercicio legal da Pharmacia.

O sr. Presidente participa á assembléa a dolorosa noticia do fallecimento do pae do nosso prestimoso collega e thesoureiro sr. Antonino Alves Barata, e que a Mesa representou a Sociedade na funeral. Foi approvedo um voto de sentimento, por tão lamentave facto.

O sr. Francisco de Carvalho agradece os cuidados que a Sociedade teve durante a sua doença.

O sr. Presidente diz que a Mesa cumpriu o seu dever, e que todos se regosijam por verem que está completamente restabelecido.

O sr. Francisco de Carvalho lê a noticia d'um jornal, sobre a reforma d'instrucção superior que vae ser discutida no parlamento, na qual se vê que as escolas de pharmacia ficam ainda sem autonomia administrativa, em contrario com o que fica estabelecido nas outras escolas superiores. Este assumpto foi largamente discutido, e ficou resolvido que a Mesa tratasse, junto das instancias competentes, de obter as mesma regalias para as escolas de pharmacia, que ficam tendo as demais escolas superiores.

O sr. professor Carvalho da Fonseca pede que as noticias das sessões da Sociedade sejam mais completas.

Entrando-se na ordem da noite, tiveram segunda leitura as propostas que dizem respeito aos srs. Bernardino Nicolas Cartolano, para socio effectivo, e Abilio Romão Coutinho, correspondente, sendo em seguida votadas e approvadas por unaninidade.

O sr. Carvalho da Fonseca faz a primeira leitura do parecer da commissão de chimica, sobre a consulta feita pelo socio Campos Palermo.

O sr. Francisco de Jesus apresenta uma proposta, com a nota d'urgente, para ser emendado o nome d'um collega que tinha proposto, afim de lhe adicionar Silva.

Depois de se ter discutido a urgencia, e devido ao adeantado da hora, encerrou-se a sessão eram 11 1/2

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

### Acta dá Sessão de 12 Março de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, Ernesto da Rocha e Castro, Ismael Pimentel, José Pedro Estanislau da Silva, Francisco de Jesus, Paschoal José de Moura, Jayme da Costa, Filipe Pereira de Mattos Miranda e Armando de Campos Palermo.

Lida e approvada a acta da sessão anterior (26 de fevereiro de 1907), pede a palavra o sr. Ismael Pimentel, que declara congratular-se pela eleição dos socios que fazem parte da Mesa, e felicita-os por esse facto.

Em seguida lê varios rotulos, com formulas medicas, despachadas em estabelecimentos que não estão auctorisados por lei a tal fazerem. O sr. Pimentel lembra a grande conveniencia que ha de se montar, devidamente, o laboratorio da Sociedade, não só para cumprimento dos estatutos, mas para trabalhos de interesse collectivo, que nelle se poderão fazer; tanto mais que, agora, com o novo curso de pharmacia, vêm pharmaceuticos bastante aptos para trabalhos chemicos, e com entra-

nhado amor ao estudo, que muito poderão contribuir para o prestigio da classe pharmaceutica.

O sr. Mendes Carreiro agradece as palavras elogiosas que lhe foram dirigidas pelo sr. Pimentel, com referencia á sua eleição, e igual agradecimento faz Campos Palermo.

O sr. Francisco de Carvalho usa da palavra para se referir ao laboratorio, dizendo que numa sessão anterior tinha sido approved, que todos os annos se destinassem 40.000 réis para se ir melhorando o laboratorio; que, por emquanto, não se poderia augmentar essa verba, por causa dos encargos da casa da Sociedade.

Campos Palermo responde, dizendo que com tal disposição, só as gerações futuras veriam o laboratorio capaz de funcionar e manda para a Mesa a seguinte proposta: proponho que se nomei uma comissão afim de estudar o meio de se montar o laboratorio o mais breve possivel.

Esta proposta foi approveda por unanimidade, e foram nomeados para fazer parte da comissão o proponente e os srs. Rocha e Castro e Carvalho da Fonseca.

Foram nomeados socios effectivos os srs. José Valentim, proposto pelo sr. Joaquim Maria Correia, e Luiz Fernandes Martins, proposto por Armando do Campos Palermo, Ismael Pimentel e J. P. Estanislau da Silva.

O sr. Francisco de Jesus apresenta, com a nota de urgente, uma proposta para socio effectivo, sendo admitida a proposta, mas rejeitada a urgencia.

Campos Palermo e os srs. Ismael Pimentel, J. P. Estanislau da Silva e Francisco de Carvalho declaram que rejeitam a urgencia por ser um mau precedente esta alteração dos estatutos, que mandam que as propostas tenham leitura em 2 sessões, e por verem que o sr. Francisco de Jesus não justifica a urgencia, não

tendo nenhum dos socios presentes a minima intenção de melindrar o proponente ou o proposto, affirmando mais o sr. Francisco de Carvalho que talvez não possa comparecer á proxima sessão, mas se estiver presente da melhor vontade approva a proposta.

Teve, tambem, primeira leitura uma proposta do sr. Rocha e Castro, para socio effectivo.

O sr. Presidente declara que está sobre a Mesa um parecer da commissão de chimica, de que é relator o sr. professor Carvalho da Fonseca, mas que este consocio não pôde vir á sessão, por lhe ter adoecido, gravemente, um filho, o que bastante lamenta, ficando toda a assembléa bastante penalizada pelo desgosto soffrido pelo nosso collega e prestavel consocio.

Encerrou-se a sessão ás 11 e  $\frac{3}{4}$  da noite.

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

---

## CHIMICA

---

### **O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia**

(Continuado de pag. 75)

Tinhamos ficado na questão dos reagentes, que, na sua quasi totalidade, estavam incapazes de servir, devido ás alterações porque tinham passado desde a era dos Affonsinos.

Deixemos o membro das *altas chemicas* debatendo-se na sua ingrata defeza, tratando de tudo enredar, e continuemos.

No 3.º dia de provas, coube a vez aos nossos collegas Paiva, pharmaceutico do quadro do Hospital de S. José, Marlo Judice d'Oliveira e Rosa, tambem pharmaceutico do quadro dos hospitaes.

O ponto que lhes sahiu foi o ensaio do sub-nitrato de bismutho.

Começaram os candidatos os seus trabalhos e, como os outros, luctaram com a deficiencia dos reagentes. O proprio Mario d'Oliveira quiz empregar o sulfocyaneto de potassio, na pesquisa dos compostos de ferro, mas deram-lhe um sulfocyaneto vermelho. Ora, este reagente que denuncia os saes ferricos pela côr vermelha que communica ás suas soluções, não devia ser dado aos concorrentes a não ser que o famoso oraculo da pharmacia portugueza entenda que os concorrentes deviam tambem preparar os reagentes na occasião — porque julgo que o jury, parte, sabia a côr que deve ter aquelle reagente.

Dos pontos tirados, era este o que se prestava para um trabalho de mais effeito; porque, de todos os productos que foram tirados para ponto, é este o que, além das impurezas que pode conter, por defeito de preparação, é vulgarmente falsificado devido ao seu alto preço.

Os concorrentes, depois de pesquisarem varios corpos, tendo todos encontrado o sub-nitrato de bismutho bastante falsificado, foram pesquisar o arsenico por meio do apparelho de Marsh.

Os primeiros que se serviram do celeberrimo apparelho de Marsh foram os collegas Paiva e Rosa. Estes candidatos para fazerem os seus ensaios, viram-se em difficuldades devido á incapacidade do apparelho, chegando o concorrente Paiva a cortar com uma thesoura a ponta do tubo do apparelho para assim sahir o gaz, porque com o calor o tubo fundia logo.

Estes nossos collegas fizeram os respectivos ensaios em branco, como manda a pratica.

O concorrente Mario d'Oliveira, tendo-se demorado nas suas pesquisas, julgou que lhe faltava pouco tempo para a hora em que devia terminar as provas.

Dirigia-se o collega Judge d'Oliveira para a casa, onde se faziam os relatorios, quando o sr. Emilio Fragoso o chamou dizendo-lhe que concluísse o seu trabalho, caso lhe faltasse alguma cousa.

O concorrente Judge d'Oliveira disse que lhe faltava pesquisar o arsenico, mas que lhe parecia estar a hora adelantada e não ter tempo para fazer aquelle trabalho.

O sr. Fragoso disse-lhe que ainda tinha muito tempo.

O concorrente dirigiu-se novamente para a meza de trabalho, afim de fazer o respectivo ensaio com o apparelho de Marsh.

N'esta altura o sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, presidente do jury, dispensou o collega Oliveira de limpar o apparelho e de fazer o ensaio em branco.

Por esta forma o sr. Judge d'Oliveira, embora involuntariamente, não fez este trabalho, que n'uma analyse a sério nunca se despreza, e o sr. Fragoso deve-se lembrar de factos bastante lamentaveis para a classe pharmaceutica, que se deram em tempos, por falta do ensaio em branco no apparelho de Marsh.

N'esta especie d'analyse nunca ha que fiar nos reagentes, embora tenham as melhores procedencias.

Dizia um advogado em França, n'uma audiencia em que se tratava d'um envenenamento pelo arsenico: Sr. Juiz! O arsenico está tão espalhado na natureza que da propria casaca de v. ex.<sup>a</sup> eu iria tirar arsenico.

O sr. Mario Judge d'Oliveira encontrou bastante arsenico, mas com a analyse feita n'aquellas condições, não podia concluir que fosse do bismutho, embora os culpados d'isso fossem os membros do jury, e n'este caso o mais culpado foi o presidente sr. dr. Alfredo Luiz Lopes.

O collega Mario d'Oliveira fez a distincção das manchas d'arsenico das d'antimonio; mas querendo formar o precipitado vermelho tijolo com o azotato de prata



não o conseguiu, porque esta reacção depende de certos cuidados e de pratica.

Esta reacção faz-se tratando as manchas pelo acido azotico, afim de oxydar o arsenico, mas depois é preciso neutralisar o acido com cautella, o que se costuma fazer com ammonia, passando uma vareta molhada sobre o acido.

A côr vermelha só apparece quando o meio estiver completamente neutro, pois que estando acido ou alcalino o precipitado não tem lugar.

No dia seguinte a estas provas, ouvi dizer a varias pessoas que o unico concorrente que tinha feito bem a analyse do bismutho tinha sido o sr. Mario Judice d'Oliveira.

Respondi a todas essas pessoas que não duvidava que do grupo do sr. Mario Judice d'Oliveira fosse elle o que fizesse melhor a analyse do bismutho; mas que essa analyse tinha sido feita só por tres dos concorrentes, porque aos outros tinham cabido trabalhos diferentes.

Comprehende-se bem porque se espalharam estes boatos, pois o fim, é claro, era ir dispondo as cousas afim de ser bem acolhida a preferencia do candidato Mario d'Oliveira. Não vi o relatorio do nosso collega, assim como não vi os dos outros concorrentes; mas como vi os trabalhos de todos, posso garantir que a analyse do sr. Mario não deu como resultado o apurar todas as impurezas que o bismutho continha, o que nada tambem é para admirar, porque o jury oppunha-se a que se fizesse uma analyse geral.

O nosso collega achou cobre no bismutho.

Peço ao sr. Fragoso que me diga sob que fórma estava esse cobre no bismutho. Era no estado metallico, de sal, oxydo ou qualquer outra fórma?

Tenho a convicção que o sr. Oliveira não deslindou isso.

Tambem me deu que pensar como passado um quarto d' hora das provas, se dizia cá fóra que o bismutho tinha acetato de cobre.

Pergunto tambem ao sr. Fragoso se do relatorio consta que todo o bismutho, que a analyse revelou, estava no estado de sub-azotato.

Tambem desejo que me diga que reagentes foram empregados para a pesquisa do ferro.

Posto isto, e ficando todos sabendo que a analyse do bismutho foi feita só por tres concorrentes, porque aos outros lhes coube corpos differentes, e que portanto não tem fundamento o que se disse, que de todos os concorrentes só um fez a analyse do bismutho bem, vamos dizer alguma cousa a respeito do concorrente Brandão, que tem o curso superior pela Universidade.

Este nosso collega fez a sua prova de chimica sósiinho, porque compareceu mais tarde, por motivo de doença, que justificou com attestado.

De todos os concorrentes foi este o que melhor trabalhou.

Este nosso collega fez uma analyse ao sulfato de magnésio, corpo que tirou em ponto, o mais completa possível, em tão pouco tempo. Tendo feito algumas reacções, e vendo que o sulfato de magnésio apresentava muitas impurezas, resolveu fazer uma analyse geral, não lhe tendo chegado o tempo porque era impossivel.

Quem está costumado a vêr trabalhar em chimica é que pode avaliar quem trabalha *sabendo o que faz*.

O nosso collega Brandão trabalhou com toda a pericia, mostrando conhecer de perto o que estava fazendo.

Se nós fôssemos do jury teriamos classificado o sr. Brandão em primeiro lugar, porque foi o candidato que andou melhor. Andou tão bem que não fez caso dos membros do jury e procedeu a uma analyse rigorosa, em vez de fazer o que elles diziam: procurar só o que vulgarmente inquina as substancias.

O desconcerto do jury foi tão grande, que para os primeiros candidatos não falsificou o corpo, e os outros corpos foram todos falsificados.

Apreciadas, na sua generalidade, as provas de chimica começaremos no proximo artigo a apreciar as provas de pharmacotechnia.

No ultimo numero da *Gazeta* do sr. Fragoso vem um artigo do membro das *altas chemicas*, em que Calino o inspirou, sobre o concurso que temos descripto. Na devida altura terá resposta.

Emquanto ao que s. ex.<sup>a</sup> diz de nós precisarmos 30 dias de ponto, para escrevermos cada artigo sobre o concurso, desde já lhe declaramos que estamos prontos a acompanhar s. ex.<sup>a</sup> aonde quizer, e perante auditorio concededor do assumpto, a fazer uma ou mais conferencias sobre assumptos de pharmacia ou sciencias annexas, tirados á sorte. dos livros que se usavam no tempo do sr. Fragoso ou dos que hoje se usam, tendo, é claro, o sr. Fragoso de fazer outro tanto, e os collegas depois farão as suas apreciações. A' queima-roupa é que deve ser. Não é com 20 dias de antecedencia.

Parece que os concursos de pharmaceuticos, vão degenerando em concursos de chronicos ou de creados de pharmacia.

Trata-se apenas da parte material, e da parte scientifica não se faz caso.

Façam-se as cousas, embora não haja a consciencia do que se faz.

Isto é certamente o resultado de haver superabundancia de sciencia.

E ainda havia quem andasse a clamar que se creasse um curso especial de pharmaceuticos, só para lentes das Escolas de Pharmacia e cargos officiaes.

Como os tempos mudam!

(*Continúa*)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

## FORMULARIO

### Emulssão d'oleo de figado de bacalhau <sup>(1)</sup>

Carragahen. ....	10
Agua .....	500

Ferva a calor brando, durante meia hora, substituindo a agua evaporada; cõe sem expressão, de forma a obter 450 partes de decocto e misture:

Gomma adragantha em pó ....	1
Oleo de figado de bacalhau ....	500
Anêthol .....	2
Ether acetico.....	1
Essencia de amendoas amargas.	0,50

Junte esta mistura ao decocto do carragahen e 50 partes de glicerina.

Agite vivamente.

## VARIIDADES

### Leite para diabeticos <sup>(2)</sup>

O leite, sem assucar, para diabeticos obtem-se da seguinte fórma:

Separa-se pela força centrifuga o creme de que se tira o assucar pelas lavagens com agua.

No leite desnatado precipita-se a caseina pela addição do acido acetico, recolhe-se num filtro, lava-se com agua para extrahir todo o liquido assucarado e redissolve-se o precipitado de caseina em um soluto di-

(1) Pharmacopeia belga.

(2) Pharmaceutisch Post.

luido de soda caustica, mas de modo que o liquido conserve ligeira reacção acida.

A este liquido junta-se um phosphato soluvel, de preferencia o phosphato sodico, em quantidade precisa para impedir a coagulação pela ebulição; depois junta-se um sal soluvel de calcio (chloreto de calcio), um pouco de sal commum, e emfim para assucarar um pouco de crystallose (sal sodico da methylsaccharina).

Ao liquido assim obtido reincorpora-se o creme lavado, que se tinha separado a principio.

Este leite pode ser esterilizado a 100° sem coagular.

### Meio rapido de reconhecer vidro neutro

Se o vidro das ampolas, para injecções hypodermicas, é alcalino, póde alterar certos solutos.

Aquecendo em autoclave a 112°, uma ampola contendo soluto de sublimado a 1 0/0, a alcalinidade do vidro manifesta-se pela formação do oxydo amarello ou vermelho de mercurio.

G. N.

## ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 80)

N.º 6

Noticias sobre

a morte de **ROBERTO DUARTE SILVA** (1)

N.º 1

Por um telegramma recebido de Paris pelo nosso amigo senhor José Julio Rodrigues, teve-se em Lisboa a triste noticia do fallecimento de **ROBERTO DUARTE SILVA**.

(1) Commettemos uma falta, mas involuntaria, e só devida a não lermos o Index dos Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto, d'onde transcrevemos estas noticias: — não dizer o nome de quem prestou tão boa homenagem a Duarte Silva.

va, professor de chimica analytica na Escola central de Paris e um dos portuguezes que mais têm honrado no estrangeiro a nossa patria pelo seu trabalho, pelo seu talento, pela sua probidade e pela sua perseverança.

Homem bom e homem de bem, ROBERTO DUARTE SILVA, occupava um logar proeminente na sciencia chimica e seria de certo em poucos annos membro do Instituto de França, se a enorme fadiga, a que se não poupava, para ser um professor modelo e um verdadeiro sabio o não tivesse tão cedo roubado á estima universal e ao affecto de seus amigos. D'elle dizia ha poucos mezes o eminente professor SCHLOESING, que no seu rosto e no seu porte se poderia ver e apreciar o homem perfeitamente probó.

Que a memoria do nosso eminente patricio seja sempre acompanhada na patria que elle sempre acarinhou, pela estima de todos nós que n'elle encontramos, por tão largos annos, um estímulo e um exemplo tão digno de imitação e de registo.

Brevemente será publicada uma biographia d'este homem eminente, honra do nome portuguez.

(*Diario de Noticias*, de 11 de fevereiro de 1889, sob o titulo *Morte d'um portuguez illustre*).

Por noticia telegraphica, recebida ante-hontem em Lisboa, soube-se que falleceu em Paris o notavel chimico sr. ROBERTO DUARTE SILVA, professor da cadeira

Foi o sr. conselheiro A. J. Ferreira da Silva, distinctissimo professor da dita Academia e da Escola de Pharmacia do Porto, e nosso illustre consocio.

Que nos desculpe o douto professor, que deve ter notado a falta, que continuaria a subsistir, se agora não lessemos o citado Index.

de analyse chimica na Escola central d'aquella cidade, onde succedera ao celebre M. DUMAS e para concorrer á qual tivera que naturalisar-se cidadão francez.

Era o illustre homem de sciencia uma das mais distinctas individualidades do professorado scientifico moderno, sendo altamente considerado e respeitado entre os seus collegas, não só pelos seus brilhantes talentos, mas tambem pelas suas apreciaveis qualidades como homem trabalhador, esclarecido e honesto.

O sr. ROBERTO DUARTE SILVA nascera na ilha de Santo Antão, do archipelago de Cabo Verde, onde ainda tem parentes. Ha muitos annos que vivia em França, onde estabelecera um laboratorio, tendo conquistado cedo a mais honrosa reputação pela importancia e alcance dos seus estudos e dos seus trabalhos.

No seu entranhado amor pela sciencia, o sr. ROBERTO DUARTE SILVA fôra agraciado ha dois annos pelo governo portuguez, por honrosa sollicitação do sr. conselheiro Henrique Macedo, com a commenda da ordem de S. Thiago. O anno passado o sr. conselheiro Marianno de Carvalho, penhorado por alguns serviços valiosos pelo benemerito professor prestados ao nosso paiz, offereceu-lhe por intermedio do sr. conselheiro José Julio Rodrigues, um bello relógio de ouro com um monogramma e dedicatoria.

Estes simples factos provam como o illustre professor era considerado e estimado pelos seus collegas de Portugal. Tanto o sr. Henrique de Macedo, como os srs. Marianno de Carvalho e José Julio Rodrigues, são lentes da Escola Polytechnica de Lisboa. O nosso malogrado amigo sr. conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, outro eminente professor, tambem tinha em grande conta o notavel chimico, com cuja amizade se honrava.

O sr. ROBERTO DUARTE SILVA tinha apenas 52 annos d'idade e morreu pobre.

A sua morte deve ter causado profunda impressão

em Paris, onde o illustre portuguez era muito considerado e estimado, como é sentida sinceramente em Portugal por quantos o conheciam e admiravam.

O governo ordenou telegraphicamente á legação portugueza em Paris que se fizesse representar no sahimmento.

(*Commercio de Portugal*, de 12 de fevereiro de 1889).

3

*Depois de uma noticia, em que se reproduzem os factos constantes da anterior, lê-se o seguinte:*

O conselheiro José Julio Rodrigues parece que vae escrever uma longa biographia do erudito professor. Mais se diz que o governo ordenará o levantamento de um mausoleu no sitio onde o cadaver descança.

Aos seus os nossos pezames de amigo e de portuguez.

(*Correio de Portugal*, de 23 de fevereiro de 1889).

N.º 7

#### **Homenagem da Sociedade Pharmaceutica Lusitana**

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana resolveu encerrar, após a leitura da acta, a sua sessão de hontem, em signal de sentimento pela morte do pharmaceutico ROBERTO DUARTE SILVA, o eminente chimico e professor ha pouco fallecido em Paris.

Este benemerito era socio da sociedade e estava em intimas relações com ella, enviando-lhe sempre os seus notaveis trabalhos de chimica.

(*Diario de Noticias*, de 14 de fevereiro de 1899).

(*Continúa*).



**JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA**

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes &amp; Filhos

*Rua do Ouro, 58 — Lisboa*

---

**PEÇAS OFFICIAES**

---

**Sessão de 9 de Abril de 1907**

Presidencia do sr. José Pedro Estanislau da Silva

Socios presentes: Srs. José Pedro E. da Silva, Manoel Adriano Mourato Vermelho, Armando de Campos Palermo, José Maria Soares Teixeira, José Nunes, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus e Luiz Seabra Lopes.

Não tendo podido comparecer o sr. Ernesto da Rocha e Castro, 1.º secretario, foi convidado a ocupar o seu lugar o sr. Adriano Mourato Vermelho.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão (12 de março de 1907) sem discussão.

O 1.º secretario fez a leitura da correspondencia, na qual havia um officio dos srs. Ribeiro da Costa & C. agradecendo a analyse realisada e as apreciações lisongeiras que a Sociedade lhe fez, com referencia ao sulfato de quinina de sua preparação.

Leu-se tambem um officio do sr. Antonio Dias Amado, em que fazia recriminações á Sociedade, por não o terem admittido socio, e dizendo estranhar que lhe tivessem enviado um officio pedindo auxilio para um collega, que está em más circumstancias.

Todos os socios se manifestaram contra este officio, por não serem verdadeiras as ultimas affirmações do

sr. Dias Amado, ficando resolvido mandar-se-lhe dizer que a Sociedade nada lhe tinha pedido, e que se havia uma commissão, com o fim de angariar donativos para um collega, era de iniciativa e execução particular.

O sr. José P. Estanislau da Silva propõe um voto de sentimento pela doença da filha do nosso querido Presidente, sr. João Mendes Carreiro, sendo unanimemente approvedo.

Foram nomeados socios effectivos os srs. Arnaldo Germano de Freitas e Silva e Francisco Fernandes, respectivamente propostos pelos srs. João Francisco de Jesus e Ernesto da Rocha e Castro.

O sr. José P. Estanislau da Silva apresentou as seguintes consultas:

1.º Na seguinte formula:

Xarope de café.....	50 grammas
Chloreto de quinina.....	1

Deve-se dissolver o sal de quinina no alcool e juntar ao xarope?

2.º Pode receitar-se por formulas chemicas?

Pede a palavra Campos Palermo declarando que o chlorhydrato de quinina não devia ser dissolvido por duas razões principaes: 1.ª porque a addição d'alcool, nas proporções precisas para dissolver 1 grammam de chlorhydrato de quinina, póde ter inconvenientes para o doente, principalmente n'esta formula, que é quasi sempre empregada em crianças.

2.ª por incompatibilidade chimica resultante da acção do acido café-tannico sobre o sal de quinina, que dará em resultado a formação de tannato de quinina, que é insolúvel.

Com referencia á 2.ª consulta, diz que ninguem póde receitar por formulas chemicas, porque a lei expressamente o prohibe: manda que os medicos escrevam por extenso, em portuguez, e bem legivel.

Fala ainda largamente sobre os graves inconvenientes a que podia dar origem o receitar-se por formulas chemicas.

O sr. Fernando Mendes Pereira pede a palavra e diz ser da opinião de Campos Palermo, sobre as consultas feitas, depois de se referir, elogiosamente, ao mesmo pharmaceutico.

O sr. J. Francisco de Jesus usando da palavra, declara ter duvidas sobre se devia ou não dissolver-se o sal de quinina, não se dando por satisfeito com as explicações dadas pelos dois socios que falaram, pelo que foram as ditas consultas remetidas á Commissão de Pharmacia para dar o seu parecer.

Encerrou-se a sessão eram 11  $\frac{1}{2}$  da noite.

O 2.º secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

### Sessão de 14 de Maio de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Fausto de Figueiredo, Armando de Campos Palermo, João Mendes Carreiro, Joaquim Vieira da Fonseca Junior, José Maria Soares Teixeira, Antonio Carvalho da Fonseca, José Maria Cerqueira Affonso, Jayme José da Costa, Domingos Estanislau da Silva, Ismael Pimentel, Sebastião V. Abreu e Silva, Luiz Fernandes Martins, Arnaldo Germano de Freitas e Silva, Gaspar Maria do Nascimento, João Francisco de Jesus e José Nunes.

O sr. Presidente convida o 1.º vice-secretario, sr. Fausto Cardoso de Figueiredo, a occupar o lugar do 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, por este funcionario não ter podido comparecer.

O sr. Presidente abre a sessão e manda ler a acta da sessão anterior (9 de abril de 1907), pelo 2.º secre-

tario, Armando de Campos Palermo, que em seguida é approvada pela assembléa.

O sr. Fausto de Figueiredo lê a correspondencia, da qual faz parte uma carta do nosso consocio, sr. Francisco de Carvalho, na qual diz que não podendo comparecer á sessão por motivo imperioso, declara, por este meio á Sociedade, que na proxima sessão falará contra a affirmativa que fez um jornal da classe, dizendo que elle, signatario, tinha discordado em poucos assumptos, e, esses mesmo de pequena importancia, quando fez parte da commissão official, que elaborou o projecto de reforma de exercicio de pharmacia.

O sr. Francisco de Carvalho diz mais que assignou vencido, porque discordou em varios pontos, e alguns essenciaes, como provará, etc.

O sr. Carvalho da Fonseca apresenta uma proposta do sr. Francisco de Carvalho, afim da Sociedade protestar superiormente contra a extincção do Laboratorio Municipal do Porto, que tão relevantes serviços tem prestado ao paiz. O auctor da proposta justificou-a com o seguinte: «que o Laboratorio da Camara Municipal do Porto constitue uma grande obra nacional, porque contribue para levantar lá fóra o nome portuguez; que seria crime de lesa-ciencia deixar perder aquelle monumento, erigido pela tenacidade e saber de um grande mestre, que prestou relevantissimos serviços com os seus trabalhos de investigação scientifica, que tanto honram o paiz; e que esse homem illustre, é professor da 4.<sup>a</sup> cadeira da Escola de Pharmacia do Porto, analyses toxicologicas, chimica legal, alterações e falsificações de medicamentos, e tambem socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, etc.»

Falaram diversos consocios, mostrando os grandes serviços que tem prestado aquelle estabelecimento e o seu illustre director, que é uma das mais elevadas glorias scientificas do nosso paiz.

Foi approvada a proposta, e, como fossem 11 1/2 horas da noite, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

---

## PHARMACIA

---

### Incompatibilidades dos iodetos pelo Prof. Pouchet (1)

O Prof. Pouchet indica, num seu livro, certas incompatibilidades mendicamentosas, que é util conhecer, dado o uso corrente dos iodetos.

Convem não os associar aos acidos, porque estes dão origem a uma dupla decomposição, pondo o iodo em liberdade, que pode reagir como irritante intenso.

O mesmo succede com a agua oxigenada, per-oxidos, o paraldeyde desloca o iodo das suas combinações.

Ha igualmente incompatibilidade com os metaes pesados: se se juntar, por exemplo, a uma solução d'iodeto um soluto d'acetato neutro de chumbo, forma-se um abundante precipitado amarello; têm-se seguido accidentes graves, ao emprego simultaneo de iodetos alcalinos e compostos mercuriaes. Sabe-se que o iodo se elimina em notavel proporção pelo suor, saliva e lagrimas sob a fórmula d'iodetos alcalinos: eis o que explica certas complicações de ophtalmia violenta, e mesmo o caso da perda dum olho, observado em um doente, em quem se praticavam, nos olhos, insuflações de calomelanos ( collyrio secco de calomelanos) em quanto que ao mesmo tempo era submettido a um tratamento geral iodado.

Os iodetos alcalinos não podem ser associados a um

---

(1) L'Union Pharmaceutique.

grande numero d'alcaloides: sulfato neutro de quinina, sulfato de sparteina, etc.

Emfim, ha incompatibilidade dos iodetos com os compostos tannicos, como por exemplo com o extracto de folhas de nogueira ou com uma tinctura tannifera.

G. N.

**Novos productos pharmaceuticos**  
(**Synonymia**)

As grandes fabricas de productos pharmaceuticos lancam diariamente na circulaçao compostos novos, de que se apressam a registrar os nomes commerciaes; porêm, a maior parte das vezes, a origem destas denominações fica obscura e appoia-se sobre uma ou outra propriedade destes corpos; para facilidade dos praticos a *Revue Pharmaceutique* publicou a seguinte lista dum grande numero de compostos, pondo o nome scientifico, deduzido da sua composiçao, a um lado, e o nome commercial a outro:

Nome scientifico	Nome commercial
Acetamidosalol. . . . .	Salophena
Acetylmorphina . . . . .	Heroína
Acid. acetylosalicylicum.	Aspyrina
Æthylenperiodid . . . . .	Diodoformio
Æthyl-morphina . . . . .	Dionina
Æthyl-methyl-sulfonal. .	Trional
Albumin-iodoform . . . . .	Iodoformogéna
» sulphoicithyolic.	Ichthalbina
Aluminium-naphtol-sulfonic . . . . .	Alumnol
Amidopyrine . . . . .	Pyramidão
Ammonium-sulfo-ichthyolic . . . . .	Ichthyol
Amilum formaldehydie .	Amyloformio
Argentum-citric . . . . .	Itrol

Argentum colloïdale . . . . .	Collargol
Argentum lactic . . . . .	Actol
» proteïnico . . . . .	Protargol
Benzoyl-guaiacol . . . . .	Benzosol
Bismuthum-albuminat . . . . .	Bismuthose
» cinchonidin	
bi-iodat . . . . .	Erythrol
Bismuthum - dithiosalicylic . . . . .	Thioformio
Bismuthum-jodgallic . . . . .	Airol
» B-naphtolic . . . . .	Orphol
» subgallic . . . . .	Dermatol
» tribromphenylic . . . . .	Xeroformio
Butyprine . . . . .	Trigemina
Calcium B-napholsulphoros . . . . .	Asaprol
Casein-natrium . . . . .	Nutrose
Chinin-aethylcarbonic . . . . .	Euchinina
Colla-tannic . . . . .	Tanocol
Creosot-carbonic . . . . .	Creosotal
Diacetyltannin . . . . .	Tannigenio
Dixthylmalonylharstoff . . . . .	Veronal
Diamidophenol chlorhydric . . . . .	Amidol
Ferralbumin . . . . .	Ferratina
Formaldehyd-thyolin . . . . .	Ichtoformio
Gelatin-formaldehyd . . . . .	Glutol
Guaiacol-carbonic . . . . .	Duotal
Hexamethylentetramin . . . . .	Urotropina
Hexamethylentetramin tannic . . . . .	Tannopina
Hydrargyr-jodcarbolsulfonic . . . . .	Hydrarg-sozoidol
Iodpyrazolon . . . . .	Iodopyrina
Kalium guaiacol . . . . .	Thiocol

Kalium ortho-oxichinolin-sulfonic.....	Chinosol
Lactylphenetidine.....	Lactophenina
Menthol-valerianic.....	Validol
Methylacetanilid.....	Exalgina
Methylenditannin.....	Tannoformio
Monochloralpyrazolon...	Hypnal
Naphtol-salicylic.....	Betol
Oleum bromatum.....	Bromipina
» iodatum.....	Iodipina
Para-amidophenol chlorhydr.....	Rodinal
Phenetidin-citric.....	Citrophena
Pyrazolon-amydalic.....	Tussol
» phenyldimethylic.....	Antipyrina
Pyrazolon aceto-salicylic.	Acetopyrina
Pyrazolon phenyldimethylic coffein citric...	Migranina
Pyrazolon phenyldimethylic c. ferr. sesquichlorat.....	Ferropyrina
Pyrazolon phenyldimethylic salicylic.....	Salipyrina
Sapocarboll.....	Lysol
Sapocresol.....	Creolina
Sapoformal.....	Lysoformio
Tannin-albumin.....	Tannalbina
Theobromin-lith.-salicylic.....	Uropherina
Theobromin natr. acetic	Agurina
» salicylic...	Diuretina
Thiolin.....	Ichtyol
Urapurgol.....	Helmitol
	G. N.



## FORMULARIO

### Emulsão de Scott

Segundo a *Revue Pharmaceutique de Flandres* pôde vêr-se a fórmula original deste preparado no *Apotheker Zeitung e Pharmaceutisch Zeitung* que é a seguinte:

Oleo de figados de bacalhau.....	150
Glycerina pura.....	50
Hypophosphito de calcio.....	4,3
» de sodio.....	2
Gomma adragantho.....	3
» arabica.....	2
Agua distillada.....	120
Alcool.....	11
Essencias de canella, amendoas e gaultheria ãa.....	II gottas

O melhor methodo de preparação consiste em misturar os diversos ingredientes, salvo o alcool e essencias, e batê-los com um bate-ovos em espiral. Termina-se pela addição do alcool e essencias.

G. N.

### Cosmeticos que desenvolvem oxigenio

por M. R. von Forreger (1)

Encontra-se ha tempo no commercio um pó dentifrico chamado «Calox,» que parece conter per-oxydo de calcio. Como desenvolve oxygenio, reage desinfectando e embranquecendo os dentes; é muito apreciado pelo publico.

(1) *Amer. Drugg. e Pharm. Record*, Segundo o *Journal de Pharmacie et Chimie*.

O auctor crê que ha outras substancias inoffensivas analogas, que podem ser utilizadas para a preparação de pós, cremes para o rosto, etc., principalmente o per-borato de sodio (os per-boratos soluveis que produzem agua oxigenada em contacto com a agua) e o per-oxydo de zinco, recommendando pois as seguintes formulas:

*Pó para o rosto:*

Talco pulverisado. ....	94	grammas
Per-borato de sodio .....	5	»
Espirito de violeta .....	1	»

Se este pó é destinado a branquear a pelle, é preciso augmentar a proporção de per-borato.

*Per-borato de sodio para os cuidados das unhas:*

Mistura-se n'um vaso uma colher, das de café, de perborato de sodio com cinco a seis colheres d'agua tépida, até obter um liquido leitoso no qual se mergulham os dedos.

Nem as unhas nem a pelle circundante são atacados.

Pode igualmente servir simplesmente per-borato pulverisado, esfregando as unhas por meio d'uma escova ligeiramente humedecida.

*Pó para polir as unhas:*

Oxydo de estanho .....	30	grammas
Per-borato de sodio .....	2	»
Carmim .....	1	»

A mistura perfuma-se á vontade.

*Pó para limpar as mãos:*

Sabão pulverizado .....	30	grammas
Pedra pomes em pó fino ...	3	»
Kaolino.....	45	»
Per-borato de sodio.....	22	»

G. N.

## VARIEDADES

### **O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia**

*(Continuado de pag. 95)*

Os pontos de pharmacotechnia eram tambem praticos, e estes tirados na occasião de prestar as provas, tendo o jury dito que eram extrahidos do formulario da Santa Casa.

Estes pontos foram, como já dissémos, feitos por um formulario da Misericordia, que não tinha sido distribuido aos pharmaceuticos fornecedores.

Esse formulario só foi facultado a alguns pharmaceuticos, enquanto que a outros, que tambem concorriam, deram-lhes, ao pedi-lo na Misericordia, o formulario anterior áquelle, que era o que estava distribuido pelos pharmaceuticos fornecedores da Misericordia.

Estas affirmações provo-as quando fôr necessario.

No primeiro dia prestou provas o 1.º grupo, que, como já dissemos, era constituido pelos srs. Raul Abilio Frazão, Antonio José da Silva, Cunha e Silvedo. Constava o ponto de tres preparações.

1.ª Licôr de Fehling.

2.ª Suppositorio de manteiga de cacau com extracto d'opio.

3.ª Sôro physiologico gelatinado.

Todos fizeram os pontos razoavelmente, mas intervindo o jury algumas vezes com interrogatorios.

O sr. Abilio Frazão pediu uns moldes ou um appa-

relho para fazer os suppositorios, ao que se oppôz o sr. presidente, dizendo que não havia moldes para todos e queria que todos os concorrentes fizessem as provas pelos mesmos processos.

Onde está a coherencia?

Quando o candidato Silva pediu o calcimetro mandaram-lho buscar, porque lá não havia, não obstante os outros concorrentes do grupo fazerem as suas dosagens com o soluto de permanganato de potassio.

Se o sr. Frazão estava costumado a preparar os suppositorios com moldes ou apparatus, e o sr. Silva dosar o oxygenio com o calcimetro, ou se attendiam ambos ou nenhum.

Com o sôro physiologico houve uma perfeita contradança.

O sr. presidente acompanhava os concorrentes, a um por um, até ao autoclave; chegado ahi, perguntava: este preparado é de confiança? A que temperatura vae esterilisar isso?

Porque é que esterilisa a essa temperatura? Eram estas as palavras sacramentaes do sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, que o sr. Fragozo diz ter ido, simplesmente, como delegado da Misericordia, como poderia ter ido o sr. conselheiro Pereira de Miranda ou qualquer outro.

Com o concorrente Silva chegou a reunir o conclave. Este concorrente entendeu que devia aprontar o balão do sôro de maneira differente da dos outros concorrentes — mas perfeitamente dentro das regras para levar a bom effeito aquelle trabalho. Simplesmente uma pequena mudança de technica, que é já muito nossa conhecida.

Reuniram-se os tres membros e fizeram grande numero de perguntas ao sr. Silva, ao que este respondeu com segurança, ficando o jury convencido perante as razões dadas.

Nas provas de chimica esteve o jury encolhido;

mas ao chegar ás de pharmacotechnia, bateu-se lesto, e eil-o constantemente em volta dos candidatos.

Quem se salientou mais foi sempre o sr. presidente; e quem se portou mais moderadamente foi o sr. Silva Machado.

Não admira; é quasi sempre assim: os que sabem mais, são quasi sempre os mais modestos.

No segundo dia trabalhou o 2.º grupo, que era composto do signatario e dos nossos collegas Albuquerque e Vasconcellos.

O ponto tirado tinha as preparações seguintes:

- 1.º Pomada mercurial 50 grammas.
- 2.º Pilulas d'azotato de prata a o,6<sup>1005</sup>.
- 3.º Empolas de cafeina n.º 10.

Ao lêr o ponto, o concorrente Albuquerque pediu as formulas ou onde se vissem, pois as não podia ter decoradas todas.

O sr. presidente não estava d'accordo; mas o sr. Silva Machado protestou e disse que se deviam dar as formulas, o que se levou a effeito.

Houve excepção para a pomada mercurial, porque o sr. Fragoso disse que era de opinião que cada qual a fizesse pela fórma que entendesse, para vêr os progressos que havia n'aquella preparação.

Quando alguns dos concorrentes já estavam fazendo a pomada appareceu o sr. presidente com um papel, no qual trazia escripto a proporção de mercurio que a pomada devia conter.

Devido á leveza d'animc, com que se permittia alterar a pharmacopêa — e amanhã bramarão por ella se não respeitar — cada qual fez a pomada como entendeu, e todos de fórma differente.

A ideia de incluir pomada mercurial nos pontos é Fragosacea, com certeza.

Ainda havemos de vêr em pontos de pharmacia: pisar linhaça e cortar althéa.

No proximo numero concluiremos as nossas apreciações sobre este concurso, que, nos ficará sempre de memoria, pela originalidade; reservando-nos o direito de responder ás estocadas que nos fôrem dirigidas.

A proposito d'este concurso escreveu o sr. Fragoso no seu jornal — fingindo esquecer-se da classificação que n'elle tive — que eu tinha ficado n.º 8.º ou 10.º classificado no concurso para pharmaceutico naval.

O sr. Fragoso devia lembrar-se de que já ficou reprovado n'um concurso, e de que eu, nem uma só vez a mim fiz referencias, mas sim que não devia ter ficado o concorrente que ficou, por ter havido quem andasse melhor.

Tambem nas minhas apreciações me não referi a documentos, e tenho sempre tratado das provas praticas do concurso.

Pois ficam os meus collegas sabendo que no concurso da Misericordia fui o 2.º classificado em provas, e no concurso para pharmaceutico da marinha fiquei no primeiro grupo, em classificação de provas e, portanto, melhor classificado que na Misericordia.

O sr. Fragoso chamou embroglio ao concurso de pharmaceuticos da armada, e n'esta parte estamos d'accordo.

Emquanto a dizer que eu costumeo criticar os jurys, o sr. Fragoso empregou mal o plural, porque o primeiro jury que critiquei foi o de que fez parte o mesmo senhor.

Ficámos, eu, Jayme Costa e alguns outros collegas, distanciados do 1.º classificado, porque o criterio dos medicos que faziam parte da junta de marinha, não foi o que devia ser, excepto para o primeiro classificado, que na realidade merecia bem o logar que lhe coube.

Neste concurso succedeu o contrario do que succedeu na Misericordia:

O primeiro classificado devia ser realmente o esco-

lhido, mas os outros concorrentes foram mal classificados; e na Misericórdia ficou no lugar quem não devia; e os outros ficaram classificados razoavelmente pela ordem das suas provas.

Não obstante haver provas practicas, no concurso do hospital da marinha, estas foram consideradas em 2.º lugar.

O programma dizia que a 1.ª condição era a melhor classificação no curso pharmaceutico, e esta classificação foi feita, unicamente, pelos valores das cartas, embora outros documentos legaes fossem apresentados, mostrando cursos de pharmacia com mais valores do que os das cartas, não tendo os concorrentes que possuíam esses documentos tirado as respectivas cartas, por motivo pecuniario, e por uma só carta ser sufficiente para serem admittidos ao concurso.

Esta orientação podia dar lugar a não ficar o concorrente que ficou, se elle em vez de apresentar a carta de pharmaceutico pelo curso antigo e os attestados em como tem o novo curso, fizesse o contrario; não obstante provava saber o mesmo e ter a mesma competencia, mas não ficava.

Nesta cousa de concursos de pharmacia não ha quem se entenda. A orientação sobre o valor da qualidade dos documentos varia em cada concurso.

Nem o concurso da Misericórdia nem o do Hospital da Marinha foram organisados como deviam ser.

Com taes programmas, jury algum pode fazer ideia segura das aptidões de cada concorrente.

Os concursos deviam ter provas practicas e oraes; e a documentação devia servir para desempates.

Assim já se via alguma cousa.

Fica respondido á piadinha do sr. director da *Gazeta de Pharmacia*.

Se eu fosse mal classificado, nas provas que prestasse em qualquer concurso da minha profissão, ficaria des-

gostoso ; mas, por uma questão de orientação sobre o valor de documentos, não agrada, mas não deslustra.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

---

## Roberto Duarte Silva

(Continuado da pag. 100)

N.º 8

Discurso proferido por C. FRIEDEL, do Instituto de França, perante o feretro de R. D. SILVA, em 11 de fevereiro de 1889

(Traducção)

Meus senhores: Se obedecesse apenas aos dolorosissimos sentimentos e ao profundissimo luto que me domina e prende em face d'este tumulo, deveria conservar-me silencioso. A memoria, porém, do amigo dedicado, que perdi, impõe-me a obrigação de patentear a quantos o conheceram e estimaram, a todos os seus amigos, quanto elle era digno de affecto e de respeito pela elevação dos seus sentimentos, pela honestidade do seu espirito, pelo seu culto e obediencia a todos os preceitos do dever. Testemunha de metade da sua existencia, seu collaborador e seu amigo, a tanto devo o conhecel-o mais que muitos outros e o apreciar, por isso mesmo, mais intimamente a sua alma tão altiva quanto modesta, e cujos soffrimentos intimos eram, não raro, escondidos ainda aos seus mais queridos e predilectos.

SILVA, em verdade, não foi feliz, a despeito de triumphos grangeados por um trabalho obstinado, mantido inflexivel, a despeito mesmo de amigos fieis, que o acompanharam até ao seu ultimo suspiro.

Nascido em Santo Antão, uma das ilhas de Cabo Verde, de que ainda ha pouco fallava entre soffrimentos e cansaços, consecuencia de uma doença rebelde,



com o entusiasmo e a poesia que envolvem as recordações da mocidade e as saudades do paiz natal, estudou em Lisboa, estabelecendo-se mais tarde na China, onde passou quatro annos como pharmaceutico.

Estava ainda n'este paiz quando se realisou a nossa expedição ali; e, em momentos em que ao nosso exercito faltaram medicamentos indispensaveis, taes serviços lhe prestou e com tão largo desinteresse, que desde logo teve e obteve por amigos, que sempre o foram depois, os facultativos militares, com quem d'esta arte se relacionou.

Mais tarde, impellido e dominado por um ardente amor pela sciencia, bebido principalmente na leitura das obras de DUMAS, grangeados os meios que cuidava necessarios para o exito de seus projectos, vem a Paris — aprender.

Corria então o anno de 1863. E muito tinha que aprender, com effeito, começando pela lingua do paiz que procurára.

Não era, porém, homem que desanimasse; e, a breve trecho, fazia os seus exames de bacharelado e os de licenciado em sciencias physicas. Frequentou o laboratorio de WURTZ, onde o encontrei pela primeira vez, prendendo-me logo pelo seu ar sério e dedicação pelo estudo, e depois o laboratorio de PISANI.

Em 1867 publicou o seu primeiro trabalho original, seguido depois de muitos outros.

Não me cumpre analysal-os aqui, nem é este, para tal fim, o logar mais proprio; direi sempre, todavia, que todos revelam o mesmo escrupulo no estudo e grangearam para o seu auctor a intima satisfação, que é a primeira recompensa de quem investiga.

O alto apreço em que os teve a Academia das sciencias da França, concedendo a R. D. SILVA o premio JECKER, a eleição d'este para presidente da sociedade chimica de Paris, a sua nomeação de membro corres-

pondente da academia das sciencias de Lisboa e as distincções honorificas que lhes foram concedidas pela França e por Portugal, patenteiam bem claro o valor em que foram tidos por juizes competentes os trabalhos d'aquelle distinctissimo professor. Posso bem asseverar-vos que elle era então feliz, na plenitude da sua actividade scientifica, durante uma collaboração, que durou tres annos, e que ainda mais estreitou os laços que já nos prendiam.

Na febre de trabalho fugiu-lhe, porém, a modesta fortuna que possuia, malbaratada por infieis depositarios; e, conjunctamente, um triste fracasso de laboratorio, depois de o ter affectado, grave e dolorosamente por muito tempo, teve como resultado a perda de um dos olhos.

Esvaída a possibilidade de uma vida desafogada, ás suas investigações scientificas tornava-se mister, d'ora avante, associar o trabalho com que assegurasse o pão de cada dia. Tendo vagado por essa occasião um lugar de chefe dos trabalhos de chimica analytica na Escola central foi SILVA quem o obteve.

Poder-se ia suppôr a principio que lhe fossem compatíveis os encargos de sua posição official e os seus trabalhos scientificos anteriores, e assim succedeu na verdade até certo ponto.

A exagerada delicadeza, porém, da sua consciencia não lhe permittiu, quasi em seguida, que distrahi-se a sua attenção para assumptos que não fossem os das suas conferencias profissionais de chimica analytica e os das manipulações que se lhes referiam, tudo accumulado com o exame e correcção dos relatorios manuscritos dos alumnos sobre as analyses que lhes eram incumbidas.

Comtudo era grande o seu desgosto por se conservar affastado das suas investigações e pesquisas. Aspirava a recommençal-as.

Não consentiu, porém, o destino que o fizesse por

absoluta impossibilidade material, ou apenas lhe forneceu o ensejo por que aspirava, quando as forças e a saúde lhe eram já, para isso, de todo insufficientes.

Organizára por forma tão correcta o ensino da analyse chimica na Escola central que, ao instituir-se a Escola municipal de chimica e de physica, foi logo indigitado o seu nome para professor de chimica analytica. E por tres annos amplamente satisfez a este duplo encargo com zelo igual, e nunca desmentido, em qualquer d'aquelles institutos.

A trabalho tão excessivo correspondeu, porém, quasi que a ruina da sua já tão precaria saúde.

Vagando mais tarde, em 1886, a cadeira de chimica analytica da Escola central, o conselho d'esta escola escolheu a ROBERTO DUARTE SILVA para a reger em tirocinio.

Entregue de corpo e alma a este novo serviço, resignou, para melhor o cumprir, o seu posto na Escola de chimica e de physica; e, ao ser, dois annos mais tarde, nomeado lente cathedrático d'aquelle curso, deviam ficar de certo com isso satisfeitas as suas tão legitimas aspirações!

Triste fatalidade, porém! O premio de tantos e tão porfiados sacrificios e trabalhos chegára tarde. A saúde, quasi extincta, reclamava os maximos cuidados.

Procurando melhorar em Caunterets, onde se tratou durante as ultimas ferias, reappareceu-nos tão doente e alquebrado, que nós, os seus amigos a nós mesmos nos perguntavamos se seria possivel que SILVA fizesse, n'aquelle estado a sua primeira lição.

Porque, é preciso dizer-vos: SILVA nunca permitiu que lhe fallassem em viagens que obstassem á regencia dos seus cursos, nem de substituição provisoria aos seus encargos officiaes.

Com surpresa de todos, no entanto, substituindo-lhe as forças physicas quasi perdidas o vigor do seu espi-

rito, logrou desempenhar-se de suas obrigações escolares até fins de dezembro findo, aparentemente mais vigoroso que nos primeiros dias do seu ultimo curso. Em seguida, porém, a breves dias de repouso, durante o qual se nos afigurava mais abatido que antes, deu ainda algumas lições, espacejadas pela benevolencia da direcção da Escola central, lições escutadas com emoção por seus discipulos, que, em presença do seu mestre, para elles bem proximo da morte, piedosamente dissimulavam a difficuldade que sentiam para ouvil-o. E ainda não ha 15 dias que SILVA proferiu a sua ultima lição, sabe Deus á custa de que enormes e não confessadas fadigas?

SILVA morreu, pois, sobre a brecha, sacrificando a sua vida ao cumprimento do seu dever.

Se alegrias houve na sua existencia, tão dignamente preenchida, exceptuando as que lhe resultaram de ser justamente apreciado pelos que amava e admirava, foram ellas, apenas, as alegrias austeras do sacrificio, do trabalho, da dedicação, do dever cumprido até o seu extremo limite, alegrias filhas de serviços sempre generosamente distribuidos por todos quantos tiveram a fortuna de conviver com elle.

N'elle havia ainda, para que taes e tão intimas satisfações podessem prevalecer a todas as outras, um profundo sentimento religioso que, sem o prender a qualquer culto externo, o amparou sempre nos seus soffrimentos, e lhe fez constantemente antever para além da vida terrestre, como que o *desideratum* e o premio da lucta que acompanha e attribula a triste vida humana.

Descança, agora, no eterno repouso, esse trabalhador illustre, legando a todos um grande exemplo e as mais profundas saudades.

(Continua).